

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CIÊNCIAS SOCIAIS – NOTURNO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO EM ANTROPOLOGIA
DANIELA PERICOLO SGIERS

**A REPRESENTAÇÃO DO PRAZER SEXUAL FEMININO NA REVISTA
CLAUDIA NOS ANOS DE 2011 E 2012.**

PORTO ALEGRE

2013

Daniela Pericolo Sgiers

**A REPRESENTAÇÃO DO PRAZER SEXUAL FEMININO NA REVISTA
CLAUDIA NOS ANOS DE 2011 E 2012.**

Trabalho de Conclusão de Curso em Antropologia
apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, como requisito para obtenção do grau de
Bacharel em Ciências Sociais.

Orientação: Profa. Dra. Fabíola Rohden

PORTO ALEGRE

2013

Dedicatória:

Dedico este trabalho a todas as pessoas que se questionam.

Agradecimentos:

Agradeço a minha família e amigos, pelo amor.

Aos professores Niura Maria Paz de Oliveira, Edite Beleza, Maria Beatriz Osório, Sérgio Luís Peixoto Ferreira, Wladimir Ungaretti e José Otávio Catafesto de Souza.

Ao amigo Renan Bulsing dos Santos, carinhoso e perfeccionista.

Aos amigos que me forneceram o material que fundamenta esta pesquisa.

Às pessoas que subsidiaram meus estudos em instituições públicas.

RESUMO

A despeito de vivermos uma era de extrema democratização da informação (em especial, com a disseminação de inúmeras mídias e do acesso à internet), e de, conforme Foucault, estarmos constantemente falando sobre sexo, ainda existem assuntos dessa seara tidos como tabu. Apesar da multiplicidade de discursos sobre sexo, falar em específico sobre o prazer sexual feminino segue sendo uma tarefa pouco encorajada, quando não propositalmente evitada. A proposta desta pesquisa é analisar dois anos de publicação de uma revista voltada ao público feminino para verificar de que maneira, dentre as diversas reportagens dedicadas ao tema “sexo”, o prazer sexual feminino é representado. Empreende-se aqui uma leitura etnográfica da revista Claudia, publicação de maior circulação no país voltada ao público feminino, entre os anos de 2011 e 2012, no intuito de observar em que direção se construíram os discursos relacionados à sexualidade feminina.

Palavras-chave: orgasmo feminino – prazer sexual – sexualidade – mídia – revista Claudia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1. QUEM É CLAUDIA?	10
2. CASAMENTO ENTRE HOMEM E MULHER: NORMATIVO E DESIGUAL.....	14
O que eu faço?	18
3. O QUE DIZ CLAUDIA?	23
A mulher ideal.....	24
A revista amiga.....	27
CONCLUSÃO.....	68
APÊNDICE I – Dados da revista Claudia de 2011 e 2012.....	71
REFERÊNCIAS	81

INTRODUÇÃO

Embora se reconheçam diversas conquistas do movimento feminista ao longo do século XX no sentido de efetivarem igualdade de tratamento a mulheres e homens, existe um tópico que permanece sendo debatido de maneira desigual: o prazer sexual. Se o orgasmo masculino é considerado imprescindível – em virtude de sua necessidade para a procriação – e facilmente identificável pela ejaculação, ao da mulher não é dada a mesma visibilidade, porque dele não depende a reprodução humana, e porque ele não é fisicamente perceptível, fato que dificulta seu controle. A jornalista científica Natalie Angier, no documentário francês “Clitóris, prazer proibido”, afirma, todavia, que o clitóris é uma parte do corpo feminino voltada exclusivamente para o prazer, sem qualquer função evidente no processo de reprodução humana. Possui mais de oito mil nervos, isto é, mais terminações nervosas, que a língua ou o próprio pênis. É notória sua finalidade. A que se deve, então, o silêncio relativo à realização sexual plena das mulheres ocidentais? Elas conhecem e se apropriam de seu corpo?

De acordo com o terapeuta sexual Al Cooper¹, em pesquisa realizada nos EUA, de 50% a 75% das mulheres que tem orgasmos precisam de estímulo clitoridiano para atingi-lo e não são capazes de alcançar o orgasmo masturbando-se, e, mesmo entre as mulheres que o conseguem através da masturbação, a maioria necessita encontrar a posição ideal para isso. Além do aspecto físico, as mulheres também reportam a dimensão psicológica como influência em seu prazer sexual. De 33% a 50% das mulheres estadunidenses tem orgasmo raramente e estão insatisfeitas com essa baixa frequência, e 90% destas creditam essa dificuldade à ansiedade para atingi-lo e a problemas psicológicos, segundo pesquisa da Enciclopédia Médica Medline Plus, citada no estudo de Cooper.

¹ Fonte: *The female orgasm*. Disponível em: <<http://drphil.com/articles/article/371/>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

Podemos tomar como exemplo a literatura disponível no mercado. Em pesquisa na Livraria Cultura², uma das maiores livrarias do país, foram encontrados 148 livros que tratam de orgasmo – não necessariamente do feminino – alguns com títulos repetidos em diferentes idiomas e editoras e, ainda, 21 desses títulos estão esgotados. Do total, três estão categorizados no gênero “Ciências Sociais” e quatro como “História”. De maneira geral, quase todos os demais foram classificados como “Autoajuda” ou “Sexologia e Sexualidade”, para a exceção de algumas seções que utilizam o termo de forma irônica ou metafórica, tais como “Culinária” ou “Fotografia”. Porém, caso a mulher não disponha do aparato necessário para acessar estas leituras (recursos financeiros, orientação que incentive à compra das obras, conhecimento da linguagem e vocabulário utilizados e vontade de saber sobre o tema) dificilmente servirão de parâmetro para a construção de seu autoconhecimento.

Também podemos citar a produção acadêmica, cujo objetivo é a produção de conhecimento. Em busca por referencial teórico sobre o tema, que pudesse servir de base para este trabalho, pouco se pode encontrar sobre o estudo do prazer sexual: utilizando a palavra “orgasmo” no motor das bibliotecas da UFRGS³, foram encontrados somente doze itens (para fins de comparação, a palavra “sexo” teve 1976 entradas e “sexualidade” conta com 1857 títulos). O material encontrado não é muito variado e dele não fazem parte estudos antropológicos: das doze referências encontradas, seis unidades são da obra “A função do orgasmo” do psicanalista Wilhelm Reich e os outros cinco são trabalhos voltados à área da saúde – um artigo da revista Superinteressante sobre os efeitos do orgasmo no corpo (“O curto-circuito do orgasmo”), outro sobre transtornos psicanalíticos ligados ao prazer sexual (“O desejo e o gozo na psicose”), dois sobre deficiências hormonais ligadas à anorgasmia, a ausência de orgasmo (“Orgasmofeminino: tem importância?” e “Nojo e

² Pesquisa “orgasmo” em Livraria Cultura, acessado em 10 de novembro de 2012, disponível em: <http://www.livrariacultura.com.br/scripts/busca/busca.asp?p=1&palavra=orgasmo&tipo_pesq=0&f19=1&search_id=55534324&search_id_log=121906386>.

³ Pesquisa “orgasmo” em SABI UFRGS: <http://sabi.ufrgs.br/F/YLK4XP3QNS3V1YNM3K643R11T9CUIL32RVUCEBVJUUPMIM5PMU-11186?func=find-b&request=orgasmo&find_code=WRD&adjacent=N&x=-27&y=-310&filter_code_2=WLN&filter_request_2=&filter_code_3=WYR&filter_request_3=&filter_code_4=WYR&filter_request_4=>>.

sexualidade”), um artigo da Revista do Hospital de Clínicas de Porto Alegre e uma tese de doutorado da Faculdade de Medicina, sobre as disfunções sexuais causadas pela incontinência urinária (“Atividade sexual das pacientes com incontinência urinária” e “Função sexual de mulheres portadoras de incontinência urinária e submetidas a tratamento cirúrgico”, artigo e tese, respectivamente).

Daí pode-se depreender que o orgasmo não é assunto recorrente na Academia⁴, e que o estudo da fisiologia dos órgãos sexuais tem sido contemplado mais do que o de outros aspectos. Como destacou Carole Vance (1995), em “A Antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico”, pesquisas sobre o prazer sexual são uma lacuna nas Ciências Humanas e especificamente na Antropologia. A Universidade é uma instância social que goza de legitimidade e que, por isso, poderia construir conhecimento sobre sexo. Porém, o que se verificou foi a reprodução do discurso dicotômico tradicional de um mundo natural separado do cultural, onde os amantes serão guiados instintivamente ao clímax (como no filme dos anos 1980 “A lagoa azul”, cujo casal heterossexual de protagonistas mantém relações sexuais sem que ninguém os tenha orientado para isso).

Dessa maneira, o sexo segue sendo tratado como um instinto animal que prescinde de conhecimento prévio para sua práxis cotidiana. De modo geral, as pessoas apenas aprendem sobre o aparelho reprodutor (ou genital) nas aulas de Biologia ainda na escola, porém sem nenhum viés psicossocial – a própria nomenclatura utilizada no currículo escolar demonstra que os órgãos sexuais se prestam prioritariamente à reprodução. O discurso dominante é de que o amor romântico (representado pelo casal heterossexual monogâmico) dará conta da relação física e afetiva entre os indivíduos. O Estado, comprometido em oferecer políticas públicas para as consequências de relacionamentos malfadados – os que resultam em violência contra a mulher, aborto, problemas de controle de natalidade, DST, etc. – não demonstra a mesma preocupação em fornecer o conhecimento formal necessário

⁴ Tomando-se por base a Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 6ª melhor colocada no Brasil e 14ª na América Latina, de acordo com o “QS Latin American University Rankings 2013”, acessado em 03 de junho de 2013, disponível em: <<http://www.topuniversities.com/university-rankings/latin-american-university-rankings/2013>>.

para que se possa iniciar, questionar e manter o exercício sexual de forma satisfatória: não há ensino sexual em nenhuma etapa da vida escolar.

Nesse panorama, abre-se espaço para a exploração midiática. Os meios de comunicação se ofereceram para agendar este objeto denominado “sexualidade”. Em razão de ser tema de interesse, como vimos em Foucault (1988), alimentam-no e o constroem constantemente, no intuito de cativar consumidores e captar anunciantes. As formas de entrada do tema na mídia, entre outros fatores, foram a emergência do feminismo e a legitimação da Sexologia como área de estudo especializada no Brasil, na década de 1980, possibilitando a viabilização da sexualidade como objeto de discussão e, portanto, relevante a ponto de fazer parte da pauta dos meios de comunicação (RUSSO et al., 2011).

Propõe-se aqui uma investigação a respeito das representações e discursos relacionados ao prazer sexual feminino em revistas direcionadas a tal público. O objetivo deste estudo é, então, realizar uma leitura etnográfica de uma publicação voltada às mulheres sobre a maneira como aborda o prazer sexual.

Esta monografia está estruturada em três partes: na primeira conheceremos o papel dos meios de comunicação de massa e o da revista Claudia em específico (cap. 1, “Quem é Claudia?”). O capítulo 2 trata das relações de poder determinantes da sexualidade humana e a maneira como elas são materializadas na prática sexual de cada pessoa, cuja discussão fundamenta esta pesquisa. Por fim, o capítulo 3 traz a leitura etnográfica de 24 edições mensais da revista Claudia, com o objetivo de conhecer-se o tratamento dado pela publicação ao prazer sexual feminino.

1 QUEM É CLAUDIA?

A fim de contextualizar a relevância de usar como corpus empírico desta pesquisa uma revista mensal de banca, é imprescindível que se entenda o papel dos meios de comunicação de massa em nossa sociedade, no que tange sua abrangência espaço-temporal e sua utilização como ferramenta de difusão de ideologias. Isto porque historicamente o exercício do jornalismo no Brasil tem se confundido com os interesses econômicos e políticos da classe social detentora das concessões de rádio e televisão, como veremos a seguir. Essas concessões formam redes híbridas, compostas por diferentes meios, como canais de TV, estações de rádio, editoras de revista, jornais, agências de publicidade, páginas na internet, etc. (RAMONET, 2003). Tais redes são regidas por normas específicas, que garantem a veracidade das informações prestadas. Entretanto, não são raras as vezes que nos deparamos com a dificuldade em distinguir jornalismo e conteúdo publicitário (ou enviesado em favor de interesse privado). Esta observação pode ser comprovada pelo fato de que há regramento proibindo tal atividade. O Capítulo I do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros (“Do Direito à informação”) é explícito no tema:

Art. 1º O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação. [...]

I - a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente da linha política de seus proprietários e/ou diretores ou da natureza econômica de suas empresas.

(Federação Nacional dos Jornalistas, disponível em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>.)

Ainda que conte com esta proteção, o público leigo (“leigo” aqui como não-consciente dos artifícios de convencimento da mídia) não tem garantido seu acesso à informação segura. A antropóloga Ruth Cardoso (1985, p.120), conhecedora do papel dos meios de comunicação na difusão de mensagens enviesadas por interesses políticos e/ou

econômicos, afirma: “Os meios de comunicação de massa insistem em utilizar e reproduzir a cultura dominante na sociedade, isto é, aquilo que é de certa maneira hegemônico. São os instrumentos privilegiados de manutenção da hegemonia.”

Foucault (1988) também refere a manutenção e reprodução de determinado discurso por interesse em sua obra “História da Sexualidade”. Ele explica que não se aplicam, como outrora, sanções legais a comportamentos sexuais não aceitos por parte da sociedade, mas que atualmente instituições antes repressivas, como o Estado ou a Igreja, lançam mão de dispositivos de indução ou persuasão, como é o caso do conteúdo difundido pela mídia. Ramonet (2003) completa este raciocínio com uma visão pessimista sobre quaisquer possibilidades de mudança na situação. Para ele, a fala contra-hegemônica não contempla os critérios de sedução que lhe permitiriam competir com o discurso dominante, cuja principal característica é a retórica infantilizante⁵.

O caso ora estudado não foge à regra. A revista Claudia, publicação escolhida para ilustrar este estudo, pertence ao Grupo Abril, proprietário de revistas, páginas da internet e tecnologias de divulgação de conteúdo, que reúne as empresas Editora Abril (responsável por 52 revistas, entre elas a “Veja”, terceira mais lida no mundo), Abril Mídia Digital (desenvolvedora de plataformas digitais), Alphabase (marketing interativo), Elemídia (publicidade e notícias em monitores públicos), Casa Cor (maior evento de arquitetura da América Latina), Abril Gráfica, um grupo de distribuição e logística (formada por sete empresas), a MTV (canal de televisão para jovens), a Abril Educação (formada por doze empresas, entre editoras e cursos) e a Fundação Víctor Civita (fundador da empresa). O grupo possui uma rede de extensa abrangência em termos geográficos e temporais: teve início em 1950 e é um dos maiores conglomerados de comunicação da América Latina, segundo dados da própria página na internet da empresa. Seu alcance e sua importância na vida cultural do país devem ser medidos em escala grandiosa.

⁵ Informações acessíveis sobre os métodos de atuação da mídia podem ser encontradas no texto do francês Sylvain Timsit “Las diez estrategias de manipulación mediática”, disponível em: <<http://www.unitedexplanations.org/2013/02/04/las-10-estrategias-basicas-de-manipulacion-mediatica-doctrina-del-shock-noam-chomsky-y-otros/>>.

A revista *Claudia*, produto da Editora Abril, começou a ser publicada no Brasil em 1961. Roberto Civita, então presidente do Conselho de Administração e Editor, na edição de aniversário de 50 anos de *Claudia* (outubro de 2011), explica que à época faltava no país uma “grande publicação feminina”. Para Ferreira (2006), ela incorporou o processo de organização do discurso dos movimentos sociais e feminista, dito então da segunda onda, que recrudesciam no país por influência da Europa e Estados Unidos. Sua importância está na forma como apreendeu a realidade desde seu lançamento:

[...] a revista CLAUDIA parecia inserir-se num contexto fundamental da realidade brasileira onde a presença dos movimentos de mulheres entre as classes médias e populares no Brasil caminhava na mesma via com o movimento feminista. (FERREIRA, 2006, p. 103)

Ela “nasceu” como “a revista amiga” para “tratar todos os assuntos do universo feminino de forma adulta e atraente” e hoje é a de maior circulação, com aproximadamente 1,8 milhão de leitoras (sic) (*Claudia*, out. 2011, p.8). Civita destaca que o objetivo de *Claudia* “é ajudar cada uma das nossas leitoras a viver melhor e se realizar plenamente em todos os sentidos” (*Claudia*, out. 2011, p.8).

O filho de Victor Civita conta que teria sido sua mãe quem escolheu o nome *Claudia*, por ser o que gostaria de ter dado à filha mulher que não teve. Entretanto, Isabella Cosse (2011), no artigo “*Claudia: la revista de la mujer moderna en la Argentina de los años sesenta (1957-1973)*”, para a revista *Mora* da Universidad de Buenos Aires, relata que a revista *Claudia*, com este mesmo nome, foi lançada na Argentina pelo irmão mais velho de Victor Civita, Cesar Civita, em 1957, quatro anos antes de seu “nascimento” no Brasil. A versão da história contada por Cosse se assemelha a de Roberto:

En junio de 1957 salió el primer número de *Claudia*. No era un proyecto improvisado. César Civita había adquirido los derechos exclusivos de las revistas francesas *Elle* y *Marie Claire*. Mina Civita, su esposa que ocupaba la dirección, había preparado cuidadosamente la edición. (COSSE, 2011)

Outra coincidência relevante é que a publicação argentina tinha como *slogan* “la revista de la mujer moderna”, frase esta característica da revista brasileira *Capricho*

(SACRAMENTO, 2005), da mesma Editora Abril, todavia voltada hoje ao público adolescente e jovem. Enquanto no país vizinho as mulheres adultas eram qualificadas como modernas, no Brasil, elas tem na revista uma amiga. As mulheres ditas modernas por aqui são as jovens⁶.

Após a breve caracterização do veículo, e antes de realizarmos a leitura etnográfica da publicação propriamente dita, é necessário que apresentemos uma discussão baseada em autores contemporâneos acerca da sexualidade da mulher, bem como de seu prazer sexual.

⁶ Na mesma edição de outubro de 2011, à página 12, a ex-diretora de redação Cynthia Greiner qualifica a revista *Claudia* como a “maior e mais influente publicação feminina deste país”, “que nasceu para servir de bússola, apoiar, informar e incentivar a mulher brasileira”. Greiner reconhece que nenhuma outra publicação similar “soube se reinventar com tanto talento e competência” e a rotula de “*Cinquenteen*”, expressão que reúne as palavras cinquenta (idade da revista e das pessoas denominadas de meia idade) e *teen*, em inglês, “adolescente”.

2 CASAMENTO ENTRE HOMEM E MULHER: NORMATIVO É DESIGUAL

O eixo central deste capítulo se baseia na teoria de Michel Foucault (1988) acerca d' "a vontade de saber" sobre sexo, em razão de sua relevância e pioneirismo na discussão da incorporação de discursos sobre a sexualidade em contraponto à repressão vigente no século XVII. Os meios de comunicação tem seu agendamento pautado pelas possibilidades discursivas construídas pelo senso comum. Por outro lado, o tratamento conferido à sexualidade pela mídia reforça e fomenta a incorporação de (pré)conceitos enraizados na opinião não especializada. Nesse ciclo de retroalimentação, o fenômeno observado por Foucault ocorre também em outras instâncias, não apenas nos meios de comunicação de massa: não há proibições para se falar de sexo; há, sim, controle sobre o que se fala e normatização das práticas, ou seja, há relações assimétricas de poder, sem necessariamente haver punições.

Em "História da Sexualidade", o autor inicia o desenvolvimento de sua argumentação descrevendo dois períodos distintos vividos pela sociedade ocidental no que se referem às práticas sexuais: num primeiro momento, até o século XVIII, o poder sobre os relacionamentos sexuais era exercido através da repressão, a sexualidade era desempenhada sob o risco de se sofrer sanções. Havia um controle restritivo dos hábitos dos indivíduos que fixavam o limite entre o lícito e o ilícito, assegurado pela imposição do direito canônico, da pastoral cristã e da lei civil. A partir do século XVIII, inicia uma fase de "explosão discursiva", uma incitação crescente a se falar sobre sexo. No entanto, segundo ele, este discurso não é libertador. Este segue reproduzindo regras restritivas, porém agora sem a repressão explícita de um censor.

Não se deve fazer divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de discricção é exigida a uns e outros. Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam discursos. (FOUCAULT, 1988, p. 30)

Está claro, para o autor, que o principal aspecto do sexo é o jogo de poder nele imbricado. As relações deste jogo podem ser verificadas nas estratégias utilizadas pelas instâncias de poder que pretendem mantê-lo desigual, que tornou o sexo um tema de saúde pública, passível de ser tratado em grande escala e incorporado às políticas públicas de um governo. Foucault cita, por exemplo, a incorporação do conceito de “população” à ação política:

Uma das grandes novidades nas técnicas de poder, no século XVIII, foi o surgimento da “população”, como problema econômico e político: população-riqueza, população mão-de-obra ou capacidade de trabalho, população em equilíbrio entre seu crescimento próprio e as fontes de que dispõe. [...] natalidade, morbidade, esperança de vida, fecundidade, estado de saúde, incidência das doenças, forma de alimentação e habitat. Todas essas variáveis situam-se no ponto de intersecção entre os movimentos próprios à vida e os efeitos particulares das instituições. [...] No cerne deste problema econômico e político da população: o sexo. (FOUCAULT, 1988, p.28)

O que ocorre nesse período é a incorporação de normas nos mais diversos hábitos cotidianos, sendo considerado como padrão de relacionamento sexual o praticado sob matrimônio legítimo heterossexual monogâmico – o que não significa equidade na relação do casal – que resultará em uma prole igualmente legítima e para o qual se deve discrição. São distinguidos ainda os comportamentos de homens dos de mulheres, o que pode falar ou deve silenciar cada um, e em seus corpos são inscritas as distinções. Desde a demarcação dessas normas, fala-se, catalogam-se, julgam-se os comportamentos periféricos, como a sexualidade infantil e as “perversões sexuais” para os quais não há sanção legal: em seu lugar há agora a coerção social – como a pedagogia e a medicalização – produzida e reproduzida em várias instâncias de poder e replicada por todos os indivíduos. Outra característica importante do sexo em nossa sociedade é a presença (ou quase necessidade) de sua narrativa, a qual Foucault chama confissão. Trata-se da verdade de nossa sexualidade: mais importante que desenvolvê-la, é *contá-la*.

[...] o poder ganha impulso pelo seu próprio exercício; o controle vigilante é recompensado por uma emoção que o reforça; a intensidade da confissão relança a curiosidade do questionário; o prazer descoberto reflui em direção ao poder que o cerca. (idem, p.45)

Philippe Ariès (1985) é outro autor que menciona a reserva do casal e paradoxalmente a sua publicização como peculiaridades da normatização do sexo. Em “O amor no casamento”, Ariès compara as dimensões pública e privada dos relacionamentos afetivos: no casamento, são relevantes a fecundidade do casal, a reserva da mulher como esposa e como mãe, a dignidade da dona-de-casa, enquanto fora do casamento estão presentes a paixão e a entrega dos amantes aos sentimentos. O autor relata que no Império Romano acreditava-se que não havia nada mais imundo do que um homem amar a sua mulher como a uma amante. Sêneca, autor da frase, teria proposto aos homens a superação dos sentimentos por suas mulheres.

Para os cristãos, a única justificativa para o acasalamento é a procriação. Ariès (1985) conta que São Paulo pregava que a mulher teria trazido o pecado ao mundo, contudo a maternidade a salvaria, como uma compensação pela inferioridade original do gênero. Ele ainda afirmou que o homem deve amar sua mulher como ama seu próprio corpo, ela deve ser submissa a ele e ambos se tornarão um só corpo. O amor dentro do matrimônio (amor-conjugal) cresceria durante a vida de casal, por isso, eram normais os casamentos por interesse em alianças e bens. Os esposos se amariam conforme convivessem. A vida privada do casal deveria ser preservada, todavia a cerimônia pública do casamento é que dava legitimidade ao casal na comunidade. A dicotomia público-privado opera de forma mais contundente no que se refere às mulheres. Ariès compara essas dimensões, construídas no senso comum, nas quais as mulheres são encaixadas: em casa, a legítima e respeitada senhora e, na rua, a amante ilegítima e apaixonante, mantida clandestina. À esposa que gostasse de manter relações sexuais com seu marido era vedada a expressão de seu prazer ou seu desejo, tampouco lhe era permitido cobrar-lhe o cumprimento de suas “obrigações matrimoniais”.

A partir do século XVIII, o erotismo passa a fazer parte do casamento ocidental. O ideal da relação agora é o de unir os dois amores, amor-paixão e amor-conjugal.

A sociedade tendeu desde então [séc. XVIII] a aproximar duas formas de amor tradicionalmente opostas. Constitui-se pouco a pouco no Ocidente um ideal de casamento que impõe aos esposos que se amem, ou que façam de conta que se amam, como dois amantes. O erotismo entrou no casamento, expulsando a reserva tradicional em proveito do patético, pondo à prova a duração [*do relacionamento formal*]. (ARIÈS, 1985, p.160-1)

O novo matrimônio origina-se no “amor-paixão”: um amor à primeira vista, permeado pelo desejo entre os cônjuges, que tende a se extinguir com o tempo. Daí a importância do divórcio: permitir a separação de duas pessoas que já não se amam, pois este pode tornar-se um relacionamento neurótico, como afirma o autor. O casal, que acredita ter sua relação mantida na intimidade, em realidade está à mercê da coerção daqueles que legitimaram sua união. Em resumo, no Ocidente o casamento normatizado é indissolúvel, mantido num espaço privado, porém institucionalizado publicamente pelo registro escrito e pela cerimônia comunitária.

Diante do exposto até aqui, fica claro que a sexualidade ocidental é desempenhada entre limites muito estreitos. E isso, como referiu Foucault, atende a negociações políticas de uma rede de inúmeros interesses, o que pressupõe relações de poder desiguais e conflitantes. À mídia, como ferramenta do poder hegemônico, cabe a tarefa de multiplicar a norma e manter a estabilidade das relações políticas – pois este é o objetivo principal do controle da sexualidade humana. Teoricamente, o discurso sexual é permissivo; todo o conhecimento necessário para o exercício da sexualidade estaria disponível nos meios de comunicação e presente na fala dos indivíduos. Contudo, o que Foucault observa é o disciplinamento das práticas cotidianas, na busca por alinhá-las à norma pré-estabelecida. Dessa forma, o sexo é mascarado como uma atividade pessoal e íntima, quando é, na verdade, permeada por inúmeras forças que moldam não somente sua conduta, como também os corpos de quem atua.

O que eu faço?

O título faz alusão à seção homônima da revista *Claudia* (“O que eu faço? Cidadania, ética e boas maneiras para o dia-a-dia”), cujo objetivo é o de dirimir as mais diversas dúvidas sobre comportamento encaminhadas por leitoras à Redação da publicação, para que especialistas as respondam. Mas quem são os especialistas em se tratando de sexo? Como o assunto chegou à mídia? Para que matérias sobre sexo fossem veiculadas numa publicação feminina, uma (re)construção de valores foi necessária.

Béjin (1985) indica que há uma área do conhecimento específica para o estudo da sexualidade humana, a sexologia, cujo nascimento ocorreu em duas etapas: na segunda metade do século XIX (entre 1844 e 1886), a que denomina “proto-sexologia”, voltada ao estudo da nosografia, principalmente às doenças venéreas, da psicopatologia da sexualidade e do eugenismo. Destaca os autores Heinrich Kaan e Krafft-Ebing, cujos livros de mesmo título (*Psycopathia Sexualis*) são referências da época. O autor esclarece que a ciência do sexo teria sido criada já antes dos estudos de Freud. A segunda etapa da sexologia teve início após a Primeira Guerra Mundial (entre 1922 e 1948), quando Wilhem Reich e Kinsey circunscrevem o orgasmo como objeto de pesquisa.

No texto “Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos”, Béjin compara a construção e o campo de atuação da Psicanálise com a Sexologia, enquanto áreas de conhecimento que se ocupam da sexualidade. À página 219, enumera num esquema as principais diferenças entre as duas especialidades, principalmente seu objeto de estudo e suas formas de atuação (entre as quais se destacam a terapia de Masters e Johnson). Enquanto a Psicanálise busca modificar a personalidade do paciente, para liquidar recalques passados que dominam seu comportamento atual, a Sexologia procura modificar seu comportamento e liquidar sintomas atuais os quais o impeçam de gozar plenamente de sua atividade sexual. O autor refere a legitimidade de que passou a gozar a sexologia por oferecer um tratamento mais objetivo que o da psicanálise, porém a teoria psicanalítica

possui grande influência em nossa sociedade como campo de estudo da sexualidade (a expressão popularizada “Freud explica” exemplifica o prestígio).

Quando o prazer sexual passa a ter o status de objeto de estudo, o sexólogo passa a ser um orgasmólogo, e a Sexologia, a ser Orgasmologia. Béjin explica os principais pontos dessa mudança:

A evolução que conduz da antiga à nova sexologia se caracteriza pela interação de três processos: a delimitação do campo de competição e a extensão correlativa da clientela potencial; a modificação do modo de produção do saber sexológico; a passagem de um controle principalmente repressivo a um controle essencialmente pedagógico. (BÉJIN, 1985, p.227)

A partir de então, várias terapias foram criadas e experimentadas em auxílio ao exercício sexual e ao alcance do prazer, isto é, a construção de uma nova normalização. A orgasmologia sai em busca do “orgasmo ideal” (aquele alcançado sozinho ou em relações simétricas de poder), sendo as dificuldades para atingi-lo denominadas disfunções sexuais (não mais segmentadas em normalidades e anormalidades, mas em um contínuo da disfunção). O orgasmólogo é um programador mental do indivíduo em dois planos: ético (o dever do orgasmo) e técnico (como atingir o orgasmo). Nesse novo cenário, a prostituição e a masturbação são reabilitadas cientificamente de modo a servir como técnicas de tratamento para as disfunções, habilidades desenvolvidas em clínicas especializadas em orgasmo. Quando legitimada como ciência e estabelecido o mercado das terapias sexuais, a orgasmologia consegue ampliar sua zona de atuação, com a criação de associações e sua divulgação em clínicas, escolas e meios de comunicação.

Béjin explica que a orgasmologia evidencia o orgasmo como indicador de saúde sexual, como um item para o alcance da “felicidade” (entre aspas, pois trata-se de um conceito relacional e, portanto, variável). As sociedades que pregam o bem-estar incluem o prazer sexual entre os itens de altruísmo cidadão. Sendo assim, ele é alçado ao patamar de direito e reforçado pelo próprio governo: se o bem-estar e a saúde são inferidos a partir da vida sexual dos cidadãos, seria necessário que todos estivessem satisfeitos. De forma rudimentar, pode-se afirmar que mais desenvolvida seria a sociedade onde mais pessoas

atingem o orgasmo. Assim, de indicador, o orgasmo passa a ser direito e, logo, a dever. O autor esclarece, no entanto, que o orgasmo ideal será a combinação do hedonismo com o respeito e ajuda ao(s) parceiro(s) para que ele(s) também possa(m) usufruir do prazer, desde que livremente consentindo. A perversão é apontada apenas quando as relações não são igualitárias (sendo o estupro sua expressão-tipo), e o que antes era chamado perversão, é ora denominado “variação”, “cujos adeptos consituem ‘minorias’ para com as quais convém ser ‘tolerante’” (p.241).

O sexólogo (ou orgasmólogo) entra aí como uma espécie de pedagogo, responsável por ensinar e delimitar a práxis sexual de seus pacientes (Béjin mesmo utiliza o vocábulo “paciente”). Ensina as pessoas a compartilharem de vocabulário comum e do conhecimento da anatomia humana, bem como recomendam o autoconhecimento (que pode ser obtido através da masturbação, antes rechaçada) e dispõe-se ao acompanhamento do paciente. Se comparado à mídia, como a descrevemos acima, o sexólogo também cria uma agenda a qual sobrecarrega os indivíduos com informações, porém por tratar-se o sexo de tema humano central e porque sua prática tem de ser construída, como referiu Foucault. Sendo assim, ele é uma instância representada por um discurso contra-hegemônico que garante o questionamento e a possível desconstrução da normalização das instâncias conservadoras. Béjin utiliza uma metáfora para demonstrar a importância da influência da sexologia no exercício cotidiano da sexualidade:

O prazer deve ser, ao mesmo tempo, um processo de produção espontânea e uma representação teatral cujo ordenador seria o cérebro. Deve fazer, no auge sexual, os papéis de anjo e demônio; submeter-se, ao mesmo tempo, às regras ideais da democracia sexual e a todos os desregramentos suscitados pelo instinto. (BÉJIN, 1985, p.247)

No Brasil, a institucionalização da segunda onda da Sexologia referida por Béjin tem início nos anos 1970 (RUSSO et al, 2011), reunindo psicólogos e médicos (em especial ginecologistas) e contou com a implantação da educação sexual nas escolas, fato este que ocasionou a reação de setores conservadores. Após a repressão inicial, o ensino sexual foi reestabelecido, porém sem sua inclusão oficial no currículo escolar. Neste momento, as

sexólogas Marta Suplicy e Maria Helena Matarazzo, pertencentes a família da elite paulista, despontam neste cenário como profissionais capacitadas para a pedagogia da sexualidade.

Marta Suplicy foi pioneira ao falar sobre sexo em plena ditadura militar, participou do programa “TV Mulher” da Rede Globo (maior emissora de televisão do Brasil) no qual discutia em rede nacional temas ligados à sexualidade, fundou associações e foi eleita para diversos cargos legislativos e executivos. Cunhou ainda a expressão “orientação sexual” em lugar de educação sexual. A partir de então, diversas outras iniciativas se desenvolveram para a discussão do sexo, tais como ONGs, associações, coletivos, cursos de formação, clínicas, eventos, as quais legitimaram e deram visibilidade ao tema em âmbito nacional. Russo et al (2011) ainda observam que, entre outros aspectos, os aportes financeiros de agências internacionais e os programas de prevenção à epidemia de Aids foram relevantes para o fenômeno da difusão da discussão da sexualidade.

O crescimento do espaço destinado ao sexo possibilitou sua incorporação pela agenda dos meios de comunicação de massa. Russo et al fazem, todavia, uma ressalva: se os programas de televisão destinados a falar sobre o tema eram primordialmente femininos, de viés feminista, e voltados para questões femininas, hoje já não o são. O feminismo deu lugar à divulgação da prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e de gravidez indesejada. Os sexólogos tem sido instados pelos meios de comunicação a responder dúvidas especialmente referentes à educação sexual para adolescentes ou

[...] aparecido nos programas de variedades, opinando a respeito de “casos exóticos” nos quais a sexualidade – seja o domínio das práticas sexuais ou, especialmente, a questão da orientação sexual – aparece como uma atração em si. O *TV Mulher* era uma atração matutina e, embora buscasse audiência como qualquer programa de televisão, transmitia certa sobriedade, ainda mais quando comparado com a participação de sexólogos/as em programas de variedades, em meio a quadros muitas vezes apelativos ou sensacionalistas. Parece-nos, assim, que, pelo menos no que tange à televisão, ficou mais tênue a fronteira, já problemática, entre “seriedade” e “picaretagem”, ou entre divulgação e autopromoção. (RUSSO et al, 2011, pg. 95)

Os autores ainda relatam divergências dentro do próprio campo da sexologia brasileira. Os profissionais entrevistados para o livro “Sexualidade, Ciência e Profissão no

Brasil” apresentam concepções variadas para sexologia, sexo, sexualidade e mesmo gênero.

O período em que os primeiros sexólogos iniciaram seus estudos sobre o orgasmo em comparação ao contexto atual pode-se afirmar que o espaço midiático encontra-se aberto para falar de sexo. É possível que cheguem à mulher, através dos meios de comunicação de massa, informações sobre a sua sexualidade que ela talvez sequer houvesse questionado. Esses meios serão uma das ferramentas mais acessíveis para a construção de sua vida sexual, pois que são informativos, mesmo que reproduzam as normas vigentes e ainda tratem do tema com algum exotismo. A revista Claudia foi escolhida para ilustrar este trabalho, porque é uma publicação com mais de 50 anos voltada ao público feminino: ela acompanhou o crescimento da sexologia no Brasil e trata do assunto em suas páginas.

3 O QUE DIZ CLAUDIA?

O trabalho consiste na descrição da representação do tema prazer sexual na revista mensal Claudia, com base num paralelo entre o referencial teórico e as matérias, infográficos, ilustrações e fotos publicadas. Ela foi selecionada por ser a revista feminina de maior circulação no país, de acordo com pesquisa do IVC Brasil publicada pelo site da ANER⁷. Com base em dados de 2010, Claudia teve circulação média de 420 mil unidades ao mês. É prestigiada e, apesar de ser voltada às classes média e alta, pode ser adquirida em bancas de jornal ou por assinatura e é facilmente encontrada em locais frequentados em geral por mulheres, como salões de beleza e consultórios médicos.

O estudo foi desenvolvido com base nas 24 edições da revista dos anos de 2011 e 2012, isto é, tratando-se de um periódico mensal, todas as edições publicadas nestes dois anos foram contempladas. Devido à dificuldade de acesso às edições antigas, esgotadas na editora, e ao prazo para execução deste trabalho, fez-se necessário delimitar o campo estudado. Foi realizada uma leitura etnográfica em todo o material disponível: matérias, reportagens e entrevistas que se refiram ao prazer sexual ou ao orgasmo, bem como a condutas compartilhadas que objetivam normalizar a prática sexual, contabilizando 58 entradas.

Palavras-chave como “orgasmo”, “sexo”, “prazer”, “libido”, foram destacadas e verificadas a partir do contexto no qual foram aplicadas – se normativo, se reflexivo, se de empoderamento das mulheres, se de submissão da mulher ao homem. Foi apurada também a forma como os textos foram ilustrados, pois o tipo de imagens usadas é simbólico, elas são carregadas de significado e servem de indicador de como o tema é tratado. O principal objetivo da pesquisa foi apurar se a publicação descreve as relações de poder descritas

⁷ ANER (Associação Nacional de Editores de Revista). Disponível em <<http://www.aner.org.br/Conteudo/1/artigo42418-1.asp>>. Acesso em: 12 ago. 2012

acima, que vocabulário utiliza, se segue padrões normativos. Para tanto, um quadro geral foi produzido (Apêndice I), caso haja interesse em futuros estudos sobre a publicação.

A mulher ideal

Do quadro referido acima, é possível retirar algumas observações relevantes para este estudo, em especial no que diz respeito à relação entre normatividade da conduta sexual e hegemonia midiática. Em 20 das 24 edições examinadas aparecem na capa atrizes ou apresentadoras de programas pertencentes ao quadro funcional da Rede Globo – as demais revistas foram ilustradas com duas cantoras e uma modelo famosas – sendo 23 destas mulheres brancas e uma negra. Em contagem simples das páginas de todas as edições, verificou-se que aproximadamente 38% delas são destinadas às propagandas pagas (em geral as matérias sobre moda, ou que recomendam algum produto ou serviço, possuem também dados como preço e local para comprá-los, o que poderia configurá-las como propaganda). Em praticamente todos os casos a publicidade aparece na página da direita, considerado espaço nobre dos meios de comunicação impressos. Além disso, há pelos menos uma propaganda institucional do Grupo Abril em cada edição.

Dos 58 títulos de matérias catalogados, 20 se referem diretamente ao prazer sexual, sete tangenciam o assunto e os demais tratam de assuntos relativos às condutas e normas que devem ser observadas para a prática da sexualidade. Também do total de matérias (58) somente doze foram ilustradas com figuras ou fotos que possam ser relacionadas com erotismo ou sexo para a cultura sexual ocidental (desenhos de mulheres ou casais *seminus*, figuras do artista Carlos Zéfiro e fotos de casais se beijando, mulher em poses que aludem à “pole dance”⁸, de frutas consideradas afrodisíacas ou eróticas). São raras as fotos de homens em poses consideradas sensuais: a maior parte deles foram registrados vestidos ou tem apenas o rosto fotografado.

⁸ Significado e origem de “pole dance” disponível em: <<http://www.poledancebrasil.com.br/pole-dance-a-historia/>>.

Os textos compilados possuem outras características gerais: pressupõem compartilhamento de valores sociais, conhecimento de vocabulário específico (inclusive anatomia e fisiologia humanas) e condutas sexuais; uso de dicotomização ou antagonismo de conceitos (por exemplo, instinto sexual versus cultura, razão versus emoção, homem versus mulher, moderna versus tradicional, bonita versus feia, jovem versus velha, ‘pensar em si’ versus ‘satisfazer o homem’, exigir versus suportar, entre tantos outros verificados); a maioria das informações é lançada na forma de axioma, sem referência de coleta; os atores das relações sexuais são tratados em separado, há textos focados no comportamento masculino e outros, no feminino, nunca voltados para a orientação dos parceiros em conjunto; recomenda atitudes; e legitima os textos com o parecer de especialistas.

Entre os especialistas entrevistados para as matérias referentes a sexo, a grande maioria é formada por psicólogos, sexólogos, psicanalistas e terapeutas diversos (de casal, de família, sexual, comportamental). Em matérias específicas sobre a saúde fisiológica, são citados outros profissionais, como ginecologistas, sanitarista, acupunturista, conforme listado no Apêndice I.

Percebe-se constância na estrutura dos textos. Comumente é utilizado o seguinte esquema: (a) uma afirmação sobre algum valor ou conduta, (b) a análise ou conselho de um profissional especialista no assunto e (c) depoimento de entrevistados – pessoas ordinárias. Tome-se como exemplo a reportagem “Insensato coração”⁹ da edição de janeiro/2011, na qual o mote são relacionamentos assimétricos ou não aceitos socialmente, ilustrado pelos depoimentos de mulheres:

(a) “Nada como um amor impossível para fazer nossa emoção disparar. Não há quem resista ao clássico roteiro do casal apaixonado que, por algum motivo, não pode levar a aventura até o fim.” (p.87)

⁹ Esta matéria é seguida de um teste intitulado “Você tem paixão pelo proibido?”, o qual procura, ao final classificar as mulheres em quatro grupos entre as que não se sentem atraídas pelo perigo e as que “adoram” o perigo. Xavier (2007) tem estudo sobre autoconhecimento em questionários das revistas Capricho e Claudia. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982007000200014&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 27 mar. 2013.

(b) “A atração incontrolável gera um prazer intenso’, afirma Isabel Paegle, mestre em psicologia da saúde.” (p.88)

(c) “Há alguns anos, eu me apaixonei por um padre. Na primeira vez que o vi, ainda era seminarista, mas eu não sabia.” (p.89)

[Trechos retirados da edição de jan. 2011, número 1, ano 50, da revista CLAUDIA]

Outro exemplo pode ser encontrado na edição de março/2011, na matéria “Feliz na cama aos 20,30, 40, 50+”, em que a revista cita dois motivos causadores de insegurança para as mulheres, em cada etapa da sua vida, referentes às relações sexuais e amorosas (não há referência de como estes motivos foram coletados ou eleitos):

(a) “Sexo não é só técnica, é emoção. Por isso, quando ficamos inseguras, a vida a dois balança. Sentir medo é natural (...)” (p.109)

(b) “Conselho de Laura [*Müller, de São Paulo, psicóloga especialista em sexualidade e comunicadora social e sexóloga do programa Altas Horas, da TV Globo*]: ‘Desista de agradar o outro a toda hora. É uma meta fora da realidade, inalcançável. Agradar quando for possível talvez já seja o bastante.’” (p.110)

(c) “Meu namorado é oito anos mais novo do que eu, e isso sempre foi um problema pra mim. Morro de medo de ele encontrar uma garota com o frescor que eu tinha, os planos e o pique para a balada que não possuo mais. Entrei para a academia de luta, faço pilates, corro e até comecei a mentir a idade.” (p.112)

[Trechos retirados da edição de mar. 2011, número 3, ano 50, da revista CLAUDIA]

Por último, observe-se a reportagem “Malhação íntima”, de Claudia de abril/2012. Nela, a revista explica que a musculatura pélvica cede com o tempo, como quaisquer músculos, e que, portanto, precisa ser exercitada para permitir ou facilitar o orgasmo que se dá por penetração vaginal:

(a) “Levantar os braços e acenar animadamente pode ser um problema para mulheres a partir dos 35 anos. (...) Com o tempo, as fibras de sustentação vão cedendo, ficam menos rijas, com capacidade de contração reduzida. Isso ocorre também com a musculatura genital.” (p.198)

(b) “Os exercícios que fortalecem essa musculatura [*do assoalho pélvico*] deveriam ser ensinados por todos os ginecologistas para todas as suas pacientes.” (p.199)

(c) “No começo me sentia sem graça com os exercícios no consultório, mas depois fui me acostumando. O resultado é nítido. Hoje conheço bem o meu corpo. Chego ao orgasmo com o meu marido e sozinha também.” (p.200)

[Trechos retirados da edição de abr. 2012, número 4, ano 51, da revista CLAUDIA]

A revista amiga

Além da estrutura da redação, outros pontos em comum foram encontrados nas matérias que serviram de objeto para esta pesquisa. É possível verificar entre as classificadas como especificamente relativas ao prazer feminino, na coluna denominada “Prazer” do Apêndice I, a maneira como a revista constrói a imagem do prazer sexual e a linguagem de que faz uso para falar de sexo com suas leitoras. Como método de leitura, os textos foram verificados de acordo com seis categorias:

(A) *compartilhamento de valores sociais, vocabulário específico e condutas sexuais*: pressupõe que as leitoras compartilhem dos padrões reproduzidos da sexualidade normativa ocidental, bem como da linguagem necessária para partilhar este conhecimento;

(B) *dicotomização ou antagonismo de conceitos*: as categorias de que se fala são excludentes, não há gradação;

(C) *informações lançadas na forma de axioma, sem referência de coleta ou uso de rigor*,

(D) *atores das relações sexuais são tratados em separado*: textos constroem ou explicam as condutas sexuais de cada parceiro, sem, contudo, referir a relação entre os envolvidos;

(E) *recomendação de atitudes*: aconselha os leitores sobre a conduta comportamental adequada ao contexto ocidental atual;

(F) *textos legitimados pelo parecer de especialistas*.

É possível afirmar que o parâmetro da agenda e da redação das matérias da revista é a informação que circula informalmente em nossa cultura, aquilo que se constata na fala

cotidiana, o senso comum. A revista escreve para satisfazer o público e o público procura na revista itens com os quais se identificar. A via é de mão dupla: não se percebeu, nas 24 edições analisadas, imposição de valores ou de práticas sexuais. O que se verifica, no entanto, é que a publicação se propõe a ser informativa e inovadora e que possibilitará um novo ponto de vista para a discussão dos temas apresentados. Não raras são as matérias introduzidas por afirmações como “tudo o que você precisa saber sobre...” ou “Claudia vai tirar todas as suas dúvidas sobre...” ou “suas relações sexuais vão melhorar muito após a leitura desta reportagem”.

Contudo, o que se encontra no desenvolvimento do texto não condiz com a fala inicial. De maneira geral, Claudia segue o esquema midiático de apresentar um assunto agendado, relatar como ele é percebido por alguns pontos da rede implicados por ele e tranquilizar as leitoras de que não é necessária qualquer atitude com relação ao que foi lido. Na matéria “O desejo flex” (Claudia, jul. 2011, n.7, ano 50), sobre mulheres que se relacionam sexualmente com outras mulheres e voltam a ter relacionamentos heterossexuais, o texto afirma “Pode parecer moderninho demais, um comportamento de gueto, algo distante da nossa realidade” e, após noticiar um aspecto exótico da sexualidade, tranquiliza as leitoras: “não há motivo para se preocupar com isso” (idem, p.148). Esta é uma das maiores críticas dos comunicólogos ao papel dos meios de comunicação: a pauta pode conter assuntos complexos, todavia o tom conferido ao conteúdo deve evitar a intranquilidade do espectador¹⁰. Assim, retoma-se o argumento de Foucault (1988): fala-se sobre sexo na mídia, porém esta fala não é libertadora.

Encontrou-se nas páginas esquadrihadas a necessidade de compartilhamento de uma série de valores, que em resumo descrevem um relacionamento heterossexual monogâmico legítimo, no qual a mulher é responsável por descobrir seu próprio prazer sexual – ainda que não se constate estímulo social para isso – e por dar conta e preocupar-se com o prazer sexual de seu parceiro. A educação repressora seria para a publicação

¹⁰ Vale recuperar o texto sobre os métodos de atuação da mídia, de Sylvain Timsit “*Las diez estrategias de manipulación mediática*”, disponível em: <<http://www.unitedexplanations.org/2013/02/04/las-10-estrategias-basicas-de-manipulacion-mediatica-doctrina-del-shock-noam-chomsky-y-otros/>>.

uma influência negativa na sexualidade humana, ao mesmo tempo em que incentiva a devoção da mulher ao homem, sem necessidade de reciprocidade. Ao discriminar esses valores, encontramos, nem sempre de modo explícito, indicações de submissão ao parceiro, de existência de uma fantasia sexual feminina muitas vezes construída à parte da de seu parceiro e de supervalorização da juventude e da beleza (a revista afirma no Texto 08 que não há limite de idade para o sexo, entretanto este posicionamento não condiz com os empecilhos citados em outras matérias referentes à aparência de mulheres velhas, como constrangimento de ficar nua na frente do homem ou não ter a mesma disposição que mulheres de 20 anos). O padrão estético passa a ser um mérito tão importante quanto o caráter da mulher, cuja reputação pode ser medida pela recusa em manter relações sexuais no início do relacionamento.

Em alguns textos, descreve explicitamente um ideal de mulher moderna, aberta a outras relações e práticas que não as normativas; porém, em outras matérias contradiz seu argumento, de forma implícita. No Texto 25, por exemplo, sugere que uma mulher ousada na cama use acessórios (“salto alto, sutiã, corpete, lingerie sensual, etc.”) os quais condena no Texto 26, afirmando que estes artifícios a reduziriam “a mero objeto de desejo”. O casamento é visto como uma ambição prioritariamente feminina, como uma prisão dos homens imposta pelas mulheres. Trata do relacionamento afetivo como posse de um parceiro pelo outro. O Texto 10 sugere que, para conquistar um homem, a mulher deve saber cozinhar. Isto pode sugerir que o marido pretende manter sua esposa reservada no âmbito privado, sendo o sexo do matrimônio um tema de foro íntimo, sob o qual é difícil falar abertamente, como visto no Texto 11, baseado em Ariès (1985). Claudia aconselha de que maneira os casais devem relacionar-se. Uma das recomendações mais recorrentes é a descrita por Béjin (1985): a do dever de alcançar o orgasmo; e opina que o sexo, a fantasia e o amor romântico não se mantêm com a rotina – que afirma, todavia, ser inerente ao casamento normal. As desordens desse relacionamento padronizado também estão catalogadas. A “crise dos sete anos” (de casamento) é uma delas. No Texto 09, não há uma

explicação clara de por que ocorre o fenômeno da crise nem o motivo de sua antecipação para três anos atualmente ao invés dos sete anteriormente referidos.

No que diz respeito à visão sobre o gênero masculino, notou-se a baixa recorrência de fotos de homens na publicação e, quando há, são majoritariamente do rosto ou nas reportagens de moda, quando estão vestidos. Referem que os homens não são românticos e que buscam apenas sexo com as parceiras, e que, por este motivo, tem de ser conquistados e mantidos, mesmo que isso signifique certo grau de submissão da mulher, como concessões sexuais a práticas não normatizadas – sexo anal, sexo grupal, filmes pornô, etc. A orientação sexual masculina é dada como estanque (o sujeito é heterossexual ou homossexual), diferente da mulher, que se mantiver relações discretas com outras mulheres, podem ser toleradas: a fluidez da sexualidade é aceita mais entre mulheres que entre homens.

É importante ressaltar que a penetração vaginal é o tipo padrão de ato sexual que permeia todos os textos, tanto na sua afirmação, como na reprovação implícita de outros tipos, tratados como ousadia ou moda (anal, felação, cunilíngua, masturbação, homossexual). Como consequência, a virilidade masculina torna-se exigência. O casal deve centrar esforços em alcançar e manter a ereção, uma obrigação de ambos (diferentemente do prazer feminino, que aparece como uma preocupação basicamente da mulher). A exceção ao argumento foi um trecho descritivo sobre a sexóloga Shere Hite (Texto 54), cuja maior contribuição para a sexologia teria sido a descoberta de que os estímulos clitoridianos são mais prazerosos que a tradicional penetração.

Para tratar de todos estes aspectos, Claudia utiliza vocabulário acessível, porém exige algum conhecimento de fisiologia e anatomia e de línguas estrangeiras, para entendimento de umas poucas palavras isoladas. Embora o vocabulário seja amigável e contemporâneo, muitos dos conceitos utilizados pela revista são idênticos ao da ciência tradicional, baseados em dicotomias e mesmo antagonismos de ideias. O mais corriqueiro é a oposição homem *versus* mulher. Em síntese, os homens gozam de mais poder social que a mulher, tem sua sexualidade vista como estanque, enquanto a mulher é por natureza um

ser afetivo, passível de relacionar-se com outra mulher sem demonstrar preferências homossexuais. Ele pode se masturbar e expressar seu desejo por práticas fora do padrão, manter relações sexuais sem envolvimento afetivo, enquanto ela é romântica, carece de amor para fazer sexo (“querem transar com um homem que admiram” – Texto 50). O homem lida com o público, a rua, protege a mulher (paga o jantar – Texto 25). A mulher é afeita às tarefas domésticas, é responsável pelos filhos. Deve estar atenta às necessidades do homem e conter-se para não ser “dramática e chorona” (Texto 25).

Em razão da dicotomização dos conceitos presentes nos textos, decorre daí nova classificação para análise: a conduta sexual e afetiva do casal é tratada em separado, apesar do caráter relacional intrínseco ao tema. De maneira geral, as matérias não referem o diálogo como uma alternativa de resolução de problemas em conjunto, mesmo entre as pessoas casadas ou que mantêm uma relação estável. Seguindo as descrições acima de submissão feminina, o que se nota é que os problemas femininos devem ser tratados pela mulher, preferencialmente sem influenciar na rotina de seu parceiro. O tratamento para o vaginismo, a falta de desejo pelo outro, as correções estéticas – além da responsabilidade abarcada por ser mãe – estão sob cuidado da mulher. Afora o aspecto físico, as mulheres são educadas para criar expectativas e idealizar seus parceiros:

Se faltar tesão, se você não curtir a penetração ou o sexo oral? Socorro! Dá medo. De quê? De que aquela fantasia, cultivada desde a adolescência, da transa perfeita, maravilhosa e ideal comece a desmoronar.” (Claudia, mar. 2011, n.3, ano 50, p.110)

O que se percebe é que a idealização não contempla de todo um homem real. Eles não seguem o roteiro de comportamento imaginado pelas mulheres. Ele e ela cultivam fantasias distintas das relações sexuais, por isso ocorrem descompassos não explicados pela revista.

Outros antagonismos relevantes encontrados foram: instinto natural para o ato sexual *versus* a cultura presente na educação sexual repressora; juventude como sinônimo de beleza *versus* velhice como algo esteticamente desagradável; sexo egoísta e libidinoso

versus amor romântico devoto ao outro; mulheres respeitáveis estão em casa *versus* amantes são encontradas no âmbito público.

Ainda no que diz respeito à argumentação nas matérias, são facilmente encontradas nas reportagens afirmações sem referência de coleta, como consulta a especialistas, publicações ou pesquisas. Por exemplo, o Texto 03 afirma que o desejo sexual é despertado pela chegada puberdade, ignorando as manifestações da sexualidade infantil, assunto pouco comentado, por não estar normatizado. São inúmeros os exemplos de axiomas nos textos, como veremos a seguir no item C classificado abaixo, fato que agrava a responsabilidade da revista para com suas leitoras, pois tais afirmações estão garantidas somente pela credibilidade da publicação.

Por outro lado, Claudia recorre ao discurso especializado e científico para legitimar a relevância de escolha da pauta e a reprodução de valores. As falas dos especialistas foram apenas arroladas em uma lista simples, pois não é possível avaliar seu conteúdo uma vez que foram retiradas do contexto original da entrevista. É interessante destacar que o psicanalista Sigmund Freud, é um “especialista” bastante citado pela revista sobre o tema sexo e é o tido como referência maior no assunto.

Talvez devido à alta circulação e abrangência de público da revista, as recomendações são generalistas e correspondem a uma moral mediana. A publicação se afirma referência no que diz respeito à sexualidade e a relacionamentos afetivos. São comuns matérias inteiras com conselhos de comportamento para mulheres, que sugerem a manutenção do casamento, a priorização do marido, a medicalização de condutas tidas como perversão e todo o tipo orientação baseada nos valores compartilhados pelo senso comum e descritos acima.

Para ilustrar a análise, foram utilizados excertos dos textos classificados no quadro resumo do Apêndice I como de conteúdo erótico.

Texto 02: descrição de relacionamentos assimétricos ou não aceitos socialmente, ilustrado pelos depoimentos de mulheres que tiveram este tipo de experiência (com homem em cargo hierarquicamente mais alto na empresa, com um seminarista, com um primo próximo, o que reflete relações de poder nos âmbitos econômico, religioso e familiar).

(A) pressupõe compartilhamento de valores sociais, vocabulário específico e condutas sexuais:

“Portanto, ser a protagonista de um romance no estilo ‘Eu não devia, mas não consigo evitar’ é pura adrenalina. Que o digam Camila, Patrícia e Sílvia, que compartilham nesta reportagem as dores e as delícias da transgressão, com todos os riscos que ela implica. Aliás, esse é o ponto: não basta amar o homem, é preciso também amar o perigo ou o tabu que ele representa.” (p.87-8) “elas [as entrevistadas] admitem: o proibido é mais gostoso, faz a imaginação voar. Sabe aquele frio na barriga que toda mulher apaixonada conhece? Elas garantem que a intensidade aumenta 100 vezes!” (p.88)

Valor social: correr o risco de desobedecer a regras pode ser excitante.

“Freud dizia que, quanto maior o tabu, maior o desejo.” (p.88)

Valor social: o autor está presente em discursos do senso comum, vide a expressão “Freud explica”.

(B) uso de dicotomização ou antagonismo de conceitos:

“Em alguns casos, como nas relações com o chefe, o que está em jogo, segundo as psicólogas, é a ambição da mulher de alcançar algo que não tem: poder, status ou autoridade” (p.88)

Estereótipos: (a) homem x mulher: os homens possuem mais poder que as mulheres; (b) chefe x subordinado: relação de poder vertical. A possibilidade de relacionar-se sexualmente pode equalizar as relações.

(C) informações lançadas na forma de axioma, sem referência de coleta:

“Nada como um amor impossível para fazer nossa emoção disparar” (p.87)

(D) os atores das relações sexuais são tratados em separado:

“Estas mulheres sonharam, realizaram a fantasia e viveram paixões irrefreáveis” (p.87)

Não há referência sobre como se dá o relacionamento entre os parceiros; a fantasia feminina é descrita de maneira isolada.

(E) recomenda atitudes:

“Procure se abrir um pouco mais para as novidades, já que elas oxigenam a relação e combatem a monotonia.” (p.90)

”cuidado para não cobrá-lo [*o parceiro*] demais – nem sempre ele terá ideias incríveis, o que não significa que não se importe com você.” (p.90)

”fique alerta para que seu relacionamento não se baseie apenas no frisson. Ele é passageiro. Se quiser algum compromisso sério, precisa cultivar outros valores.” (p.90)

“Aventuras são deliciosas, mas preste atenção para não viciar na adrenalina – isso pode machucar o coração de todos os envolvidos.” (p.90)

O público da revista é variado, portanto, os conselhos são generalistas e dizem respeito a uma moral mediana. Ao final, não são impactantes.

(F) textos legitimados pelo parecer de especialistas:

”desobedecer às regras sociais de comportamento traz uma incrível sensação de liberdade e poder. ‘A atração incontrolável gera um prazer intenso’, afirma Isabel Paegle, mestre em psicologia da saúde.”

”Freud dizia que, quanto maior o tabu, maior o desejo. E que a atração incestuosa é universal, o que obriga o ser humano a administrar um conflito básico: seguir os impulsos ou reprimi-los’, ensina a terapeuta de família e casal Lana Harari.” (p.88)

Texto 03: nota explica como proceder quando a mãe percebe o despertar do desejo sexual de seu filho. O texto deixa implícito que as recomendações são para uma mulher que deve orientar seu filho. (p.80)

(A)

“A chegada da puberdade, entre 9 e 12 anos, faz o desejo sexual despertar”

Valor social: a sexualidade é despertada somente durante a puberdade; as crianças não possuem sexualidade ativa.

Vocabulário: puberdade

(B)

“Os sinais [*do desejo sexual*] são indiretos, como passar longos períodos trancado [*gênero masculino*] no banheiro ou no próprio quarto.” “respeitar a intimidade do jovem e só esclarecer dúvidas se for consultada [*o jovem = masculino; consultada = mãe*].”

Reprodução de estereótipos: (a) homem x mulher: os rapazes masturbam-se e (b) mães (âmbito privado) não conversam sobre sexualidade (âmbito público) com os filhos.

(C)

“A chegada da puberdade, entre 9 e 12 anos, faz o desejo sexual despertar e, como consequência, a masturbação ganha importância.”

As manifestações da sexualidade infantil não são consideradas.

(E)

“respeitar a intimidade do jovem e só esclarecer dúvidas se for consultada.”

Conversar sobre sexualidade com o filho pode constrangê-lo ou traumatizá-lo.

(F)

“Com o início das relações sexuais, o interesse pela masturbação diminui. Até lá, é respeitar a intimidade do jovem e só esclarecer dúvidas se for consultada”, afirma a psicóloga Nora Miguez, do Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo.”

Texto 05: nota sobre o livro “Paulina Bonaparte, a princesa do prazer”, biografia da irmã de Napoleão Bonaparte. Viés erótico do texto. (p.76)

(A)

“Devassa”/”suposto romance incestuoso”/”impetuosa”

Revista destaca o conteúdo sexual do livro. Valor social: incesto e luxúria são proibidos, despertando o interesse do leitor.

(B)

“A princesa espoleta”

A imagem de uma princesa está associada à delicadeza, discrição e não a de uma pessoa travessa, divertida. A contradição chama atenção para o texto.

(F)

“[a autora] bebeu em fontes respeitáveis e permitiu-se extravasar no texto a própria admiração pela biografada – sem comprometer o rigor da pesquisa.”

A pesquisa rigorosa poderia ser comprometida pelo sentimento da autora.

Texto 06: a revista cita dois motivos causadores de insegurança para as mulheres, em cada etapa da sua vida, referentes às relações sexuais e amorosas (não há referência de como estes motivos foram coletados ou eleitos).

(A)

“sexo oral, anal e na penetração vaginal”/”pílula do dia seguinte”/”sexo sem consentimento”

(p.109)

Vocabulário sexual necessário para compreender o texto.

“Encantar o parceiro parece prioritário quando a gente acabou de sair da adolescência.”

(p110)

“Tudo ainda é muito novo: (...) o jeito de ser mulher, de lidar com os sentimentos” (p.110)

”Se faltar tesão, se você não curtir a penetração ou o sexo oral? Socorro! Dá medo. De quê?

De que aquela fantasia, cultivada desde a adolescência, da transa perfeita, maravilhosa e ideal comece a desmoronar.” (p.110)

“Já faz um tempo que o fato de a mulher atingir ou não o clímax é motivo de dor de cabeça entre casais.” (p.112)

“Entre os 30 e 40 anos, o temor de perder o parceiro para uma mulher mais jovem pode deixar você insegura e comprometer sua espontaneidade na cama.” (p.112)

“Sim, você chegou à fase dos 40 e seu corpo mudou.” (p.114)

”[Aos 40 anos] Muitas vezes o homem especial para namorar – ou casar – custa a aparecer.” (p.114)

“[Aos 50 anos ocorrem] alterações hormonais da menopausa. A vagina às vezes não produz tanta lubrificação” (p.116)

Vocabulário sexual necessário para compreender o texto.

”Tirar a roupa na frente de um homem pode ser uma delícia. Mas não quando a gente teme decepcioná-lo.” (p.116)

Valor moral: as frases demonstram a imagem que a publicação reproduz das mulheres (submissão ao parceiro, fantasia sexual feminina não condizente com a realidade, dever do orgasmo, virilidade masculina, busca da juventude e beleza).

(B)

“Sexo não é só técnica, é emoção.” (p.109)

“Entre os 30 e 40 anos, o temor de perder o parceiro para uma mulher mais jovem pode deixar você insegura e comprometer sua espontaneidade na cama.” (p.112)

“Muitas vezes esquecemos que uma mulher de 50 anos tem o corpo de uma mulher de 50 anos. Assim como a de 20 aparenta 20.” (p.116)

Natureza/instinto x cultura (técnica e emoção, espontaneidade na cama) e juventude x velhice (perder o parceiro para uma mulher mais jovem, corpo de 20 e de 50)

(C)

“Não existe nada mais afrodisíaco do que a autoconfiança. Mulher segura sente-se à vontade para brincar e ousar. E o que pode atrapalhar essa alegria? O medo. Seja de engravidar no momento errado ou de não ser mais desejável.” (p.109)

“Existem dois temores que acompanham as mulheres durante toda a vida erótica ou grande parte dela: o de se contaminar com alguma doença sexualmente transmissível e o de engravidar fora de hora.” (p.109)

“Cerca de 30% das mulheres das mulheres tem dificuldade para chegar lá.” (p.112)

(D)

“Mulher segura sente-se à vontade para brincar e ousar.” (p.109)

“o receio de não satisfazer o homem leva a mulher a topar coisas que muitas vezes não está nem um pouco a fim. Sexo a três é um exemplo. Relação anal, para muitas delas, é outro.” (p.110)

“Entre os 30 e 40 anos, o temor de perder o parceiro para uma mulher mais jovem pode deixar você insegura e comprometer sua espontaneidade na cama.” (p.112)

“Tirar a roupa na frente de um homem pode ser uma delícia. Mas não quando a gente teme decepcioná-lo. Muitas vezes esquecemos que uma mulher de 50 anos tem o corpo de uma mulher de 50 anos. Assim como a de 20 aparenta 20.” (p.116)

O diálogo e o relacionamento afetivo com o parceiro não aparecem como alternativa para dissipar as inseguranças da mulher.

(E)

“o caminho certo é ir ao ginecologista uma vez ao ano” (p.109)

[*Restante do texto inteiramente ilustrado com recomendações da psicóloga Laura Muller, sob o título “Conselho de Laura”*] (p. 110, 112, 114 e 116)

(F)

“A sexóloga Laura Muller*, sucesso na TV, ensina como lidar com os temores que surgem a cada fase.” (p.109)

“*Laura Muller, de São Paulo, psicóloga especialista em sexualidade e comunicadora social, é autora de ‘Altos papos sobre sexo – dos 12 aos 80 anos (Globo, 2009) e sexóloga do programa Altas Horas, da TV Globo” [*a descrição é seguida da foto da especialista*] (p.110)

Legitimação da profissional por outro meio de comunicação, a televisão.

Texto 08: dicas gerais de comportamento (p.114)

(A)

“Sexo não tem idade” [*ilustra foto de uma pimenta*]

“Cinderela era uma moça trabalhadeira, simpática e honesta, mas só conquistou o príncipe depois de trocar os farrapos por um belo vestido e sapatinhos de cristal.”

Valor moral: afirmação de que não há limite de idade para o sexo não condiz com os empecilhos referentes à aparência de mulheres “velhas” citados em tantas outras matérias. O padrão estético seria um mérito tão importante quanto o caráter da mulher.

(C)

“Sexo não tem idade. Nesta os especialistas são unânimes”

Não cita especialistas nem pesquisas.

(E)

“exercer a sexualidade é bom sempre, não importa a idade.”

Apesar da afirmação, a aparência padrão reproduzida em toda a publicação é a da mulher jovem, inatingível por uma mulher de mais de 40 anos.

(F)

“Sexo não tem idade. Nesta os especialistas são unânimes” [*não cita especialistas ou estudos*]

Texto 09: a reportagem propõe que casamento que passem por crises sejam reformados, pois a antiga “crise dos sete anos” tem ocorrido agora aos três.

(A)

“Se os carinhos e planos em comum deram lugar a despachos burocráticos, o beijo na boca migrou para a testa e vocês já não dormem de conchinha, a relação pode precisar de uma reforma urgente” (p.117)

“No século 21, a crise dos sete anos aparece mais cedo, após 36 meses de casamento” (p.117)

“No filme [*Passe livre*] dois amigos entediados com a vida de casado ganham das esposas uma semana de total liberdade.” (p.117)

Valores e condutas: maneira como os casais devem relacionar-se; não há explicação direta de por que ocorre o fenômeno da “crise” e o motivo de sua antecipação; o casamento é a prisão dos homens imposta pelas mulheres.

(B)

“Quando o romantismo se perde, o sexo se torna mecânico.” (p.118)

Sexo necessitaria de amor, romantismo, fantasia.

(D)

“Os homens tendem a não cultivar o romance, não presenteiam nem elogiam e só se aproximam para transar, não porque querem prazer a dois’, diz Lana [*Harari, terapeuta de casa*].” (p.118)

Homens e mulheres tem expectativas distintas das relações sexuais, por isso, os descompassos. Além disso, eles não seguem as condutas esperadas pelas mulheres.

(E)

“Claudia oferece as ferramentas para salvar sua história de amor.” (p.117)

“Tome cuidado para não prolongar os intervalos de abstinência sexual.” (p.118)

A revista se afirma referência no que diz respeito à sexualidade e relacionamentos afetivos.

(F)

“No século 21, a crise dos sete anos aparece mais cedo, após 36 meses de casamento, segundo uma pesquisa que ouviu 2 mil pessoas casadas no Reino Unido. O estudo, supervisionado pela escritora inglesa Judi James, especialista em relacionamentos, foi encomendado pelo estúdio Warner Brothers” (p.117)

O estudo foi encomendado por ocasião do lançamento do filme que fala de casamentos monótonos.

Texto 10: entrevista com Jamie Cat Callan, autora do livro “Mulheres francesas não dormem sozinhas”, que descreve o comportamento sexual e sentimental das mulheres francesas.

(A)

“[*França*] país mais sexy da Europa” (p.153)

”[a escritora *Jamie Cat Callan*] desvendou os segredos das francesas para fazer um homem dizer *je t’aime* mais rápido que *bonjour*.” (p.153)

”Quem nunca se perguntou como as francesas conseguem ser assim tão chiques, elegantes e, principalmente, sedutoras que atire o primeiro croissant!” (p.153)

“O grande trunfo [*do livro*] é revelar o que elas, as francesas, fazem para encontrar um bom partido, aumentar o *sex appeal* e conquistar os homens que querem – sem tirar a roupa.” (p.153)

”Jamie [*a escritora*] garante aplicar em casa o que aprendeu [*com as francesas*] e isso inclui usar uma bela lingerie todos os dias.” (p.153)

“A França é um país onde até mesmo uma saída simples para comprar legumes frescos pode ser motivo para exercitar a sedução” (p.154)

“Cozinhe: as francesas já sabem há séculos e nós não acreditávamos, mas o caminho para o coração de um homem passa pelo estômago.” (p.156)

Valores: estereótipo das mulheres francesas; pressuposição de que manter relações sexuais no início do relacionamento desvaloriza a mulher; os homens gostam de mulheres que cozinham, isto é, que se mantêm no âmbito privado, a casa.

(B)

“Cozinhe: as francesas já sabem há séculos e nós não acreditávamos, mas o caminho para o coração de um homem passa pelo estômago.” (p.156)

Homem x mulher (público, rua x privado, casa)

(C)

“As atrizes Audrey Tatou, Juliette Binoche, Marion Cottillard, Isabelle Adjani e até a ninfeta Emma Watson (que, *oui*, nasceu em Paris) não apenas frequentam o imaginário masculino como estão sempre bem acompanhadas.” (p.153)

Nenhum dado ou depoimento comprova que os homens desejem estas atrizes mais do que a outras.

(D)

“O grande trunfo [do livro] é revelar o que elas, as francesas, fazem para encontrar um bom partido, aumentar o *sex appeal* e conquistar os homens que querem – sem tirar a roupa.”

(p.153)

Pressuposição de que manter relações sexuais no início do relacionamento desvaloriza a mulher.

(E)

“Como ser uma francesa sem morar na França: 1. Saia da internet. 2. Ame seu corpo. 3. *Vive la différence*. 4. Dê uma festa. 5. Cozinhe.” (p.156)

Revista sugere que a brasileira adote hábitos das mulheres francesas.

(F)

“[a escritora do livro ‘Mulheres francesas não dormem sozinhas’ Jamie Cat Callan] Neta de uma legítima *naturelle de France*” (p.153)

A nacionalidade da avó da escritora legitima a narrativa.

Texto 11: matéria fala sobre os efeitos da acupuntura voltada para estimular a libido da mulher.

(A)

“acupuntura”/“terapia milenar chinesa” (p.146)

“De maneira geral, a tendência é guardar o problema para si e sofrer sozinha por um bom tempo. O profissional de acupuntura formula uma série de questões a respeito de qualidade de vida, dando a deixa para quem quiser falar de falta de libido.” (p.148)

“exames clínicos e laboratoriais para descartar problemas de origem orgânica, como disfunção da tireoide, desequilíbrios hormonais, pressão alta, diabete.” (p.150)

“[três pontos estimulados na acupuntura para a libido] chamados de ginecológicos (...). Um atua na glândula suprarrenal (responsável pela produção de hormônios sexuais), o outro nos ovários e o terceiro no sistema nervoso central.” (p.150)

”produção de hormônios como endorfina, que relaxa e acalma; a serotonina, que tem ação no humor e na ansiedade; e a noradrenalina, que induz à excitação física e mental.” (p.150)

”hormônios estrógeno, progesterona e testosterona podem ser ativados para gerar a sensação de bem-estar.” (p. 150)

“vaginismo” (p.152)

Matéria exige conhecimento de vocabulário específico.

Valor: o sexo seria um tema de foro íntimo, sob o qual é difícil falar abertamente.

(B)

“[os *terapeutas orientais*] ‘Olhamos para o ser humano de forma integral.’ Daí a diferença da medicina ocidental, que trata a doença separadamente.” (p.148)

Terapia oriental x medicina ocidental: construções distintas.

(D)

“Cada vez mais mulheres procuram essa terapia milenar chinesa para solucionar a falta de desejo.” (p.146)

A falta de desejo pelo outro pode ser um problema individual.

(E)

“[após o *tratamento com a acupuntura*] Prepare-se para ser feliz entre quatro paredes” (p.146)

Garante a eficácia do tratamento.

(F)

“‘Hoje temos pacientes de 25 a 70 anos buscando a ajuda das agulhas para retomar a libido’, diz ele [*Ruy Tamigawa, presidente da Associação Médica Brasileira de Acupuntura*]” (p.148)

Texto 20: constata a existência de pessoas que mantêm relações sexuais com outras do mesmo sexo, porém não se consideram homossexuais, e que podem voltar a ter relações com indivíduos do sexo oposto.

(A)

“O desejo flex” (p.148)

“Sem culpa (e também sem alarde), eles se entregam a relações com alguém do mesmo sexo – podendo voltar ao universo hétero no momento seguinte, até casando e tendo filhos.” (p.148)

“Pode parecer moderninho demais, um comportamento de gueto, algo distante da nossa realidade.” (p.149)

“Outros admitirão que trocaram carícias intensas com alguém do mesmo sexo sem que isso significasse uma mudança na orientação sexual. Estamos falando de adultos que, sem culpa ou juízo de valores, se permitem fazer o teste e repetir a dose.” (p.149)

“A naturalidade é maior para falar no assunto e também na busca do par. A mulher se dispõe mais do que o homem à nova experiência. Faz isso sem alarde, porque não precisa se autoafirmar como os adolescentes que se engalfinham no shopping (p.149)

“a mulher se adapta melhor ao quesito [*Nada é para sempre*], vai e volta à condição anterior de hétero, casa, tem filhos.” (p.150)

“Esses arranjos [*flexíveis*] refletem mais um sintoma de nossa cultura: a fluidez. As fronteiras estão intercambiáveis; não há limites estanques no comportamento sexual.” (p.150)

Vocabulário: “flex”, de flexível, adaptável. Atualmente, é como se denominam os veículos que podem ser abastecidos com diferentes combustíveis.

Valores: orientação sexual; relações mantidas em discrição são toleradas; homens teriam sua sexualidade estanque (heterossexual ou homossexual), não se permitiriam a experiência; a fluidez da sexualidade é tolerada mais entre mulheres que entre homens.

(B)

“A mulher se dispõe mais do que o homem à nova experiência.” (p.149)

“A ciência não explica exatamente de onde vem o desejo” (p.150)

Homem (sexualidade vista como estanque) x mulher (ser afetivo). Pode-se considerar ainda que a relação sexual entre mulheres seja uma fantasia masculina.

Ciência (conhecimento, tangível) x Natureza (instinto, desejo, intangível)

(C)

“A mulher se dispõe mais do que o homem à nova experiência.” (p.149)

(E)

“O importante é saber que ninguém é obrigado a se submeter, sob pressão, à experiência [de manter relações sexuais com alguém do mesmo sexo].” (p.150)

Após noticiar um aspecto exótico da sexualidade, tranquiliza as leitoras: “não há motivo para se preocupar com isso”. [*“Pode parecer moderninho demais, um comportamento de gueto, algo distante da nossa realidade”.*]

(F)

“Como hoje não é mais um bicho de sete cabeças se declarar homossexual, a sociedade está mais tolerante e as pessoas se permitem conhecer o desconhecido, o que é saudável’, diz a educadora Maria Helen Vilela, diretora do Instituto Kaplan de Sexualidade.” (p.149)

“Mulheres tem um histórico de companheirismo e carinho, o que contribui para que essas relações aconteçam’, afirma o sexólogo e apresentador de TV Jairo Bouer.” (p.150)

“Aquela história de ter só três possibilidades – ser hétero, gay ou bi – não dá mais conta da diversidade que vivemos’, explica Bouer. Para ele, nossa sexualidade é uma reta com vários pontos, cheia de nuances a serem exploradas.” (p.150)

“A ciência não explica exatamente de onde vem o desejo. ‘Há hipóteses de que, independentemente do objeto cobiçado, ele tenha raízes psicoemocionais ou genéticas’, diz Maria Helena. ‘O que sabemos é que há forte impacto cultural sobre ele. Às vezes desejamos o que aprendemos a admirar.’” (p.150)

“Sigmund Freud acreditava que todos nascem potencialmente bissexuais. No livro ‘Três ensaios sobre a teoria da sexualidade’, de 1905, ele escreve que homens e mulheres são moldados pela sociedade para gostar de uma coisa ou outra.” (p.150)

Novamente Freud é citado.

Texto 21: nota sobre o aumento da procura pelo tratamento do vaginismo. (p.74)

(A)

“vaginismo, contração involuntária dos músculos da vagina”

Vocabulário médico deve ser compartilhado

(C)

“a procura por atendimento ao vaginismo, contração involuntária dos músculos da vagina, aumentou tanto que a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) criou um centro especializado no problema”

Não cita dados sobre o aumento da procura por atendimento.

(D)

“O tratamento começa com respirações específicas de relaxamento e segue com tentativas suaves de introduzir o dedo na vagina. Vencida essa etapa, tenta-se o vibrador e só depois a relação com o parceiro.”

Nas vezes que o vaginismo é citado nas matérias não se fala de como o parceiro pode auxiliar no tratamento da mulher, mesmo que a leitora média da publicação seja a casada.

(E)

“Ela [*a ginecologista*] lembra que, nesse processo, é importante respeitar os próprios limites.”

(F)

“O tratamento começa com respirações específicas de relaxamento e segue com tentativas suaves de introduzir o dedo na vagina. Vencida essa etapa, tenta-se o vibrador e só depois a relação com o parceiro’, explica a ginecologista Carolina Ambrogini, de São Paulo.”

Texto 25: dicas gerais de comportamento

(A)

“3. Dizer ‘sim’... Não importa se é no primeiro encontro; o importante é saber diagnosticar o que está em jogo. ‘No amor não há boas regras. Há boas ou más percepções do tipo de

necessidade masculina', ensina o psicanalista Alberto Goldin. 4. ...e também dizer 'não' Se este ainda não é o seu mantra comece a repetir já: 'Tenho que dizer não para tudo o que me agrida ou faça com que me sinta subjugada'." (p.123)

"Você até pode querer juntar as duas coisas [sexo e amor], mas não transe somente por amor ao outro. Busque seu prazer sexual, lembrando que experimentar sexo sem amor pode ser bem interessante" (p.124)

"Para conectar-se ao sexo em tempo de tanta dispersão, explore o erotismo disponível em revistas, livros e imagens. (...) Quando bater aquela sensação de que o sexo é só mais uma tarefa do dia, leia uma dessas histórias e inspire-se." (p.124)

"10. Ousar (mesmo!) Pelo menos uma vez ou outra seja ousada no sexo. Vista-se poderosamente com corpete, salto alto e peruca (por que não?). Faça strip-tease, transe na escada de incêndio, deixe alguém de boca aberta! Você se sentirá sedutora." (p.124)

"12. Fazer muito mais sexo (...) [o sexo] está ao alcance de todos. Não precisa ser comprado nem é necessário pagar royalties para tê-lo. 'No entanto, poucas pessoas tiram todo o proveito que poderiam'." (p.124)

"19. Ser inteira. Não busque no parceiro um complemento do que falta em você (...) Afinal, a história da cara-metade é muito antiga e chata." (p.126)

"31. Deixar que ele pague o jantar. Se o objetivo for oferecer a ele uma oportunidade de mostrar-se autoconfiante ou generoso" (p.128)

"38. Dividir as tarefas de casa. Não significa apenas o trivial, 'você lava, eu enxugo'." (p. 128)

"39. Trabalhar sem culpa. Toda a mãe que se desdobra também em profissional já experimentou esse sentimento ao menos uma vez na vida." (p.128)

Valores: este tipo de matéria demonstra como a mulher é vista, como ela deve atender o homem e quais são os papéis de ambos.

(B)

"No amor não há boas regras. Há boas ou más percepções do tipo de necessidade masculina." (p.123)

“Tenho que dizer não para tudo o que me agrida ou faça com que me sinta subjugada’. Seja menos dramática e chorosa” (p.123)

“Enquanto o sexo é uma escolha individual, amor é compromisso com o outro” (p.124)

“Pelo menos uma vez ou outra seja ousada no sexo.” (p.124)

“Os homens adoram falar, e uma mulher que sabe ouvir com atenção, cuidado e interesse ganha muitos pontos” (p.124)

“19. Ser inteira. Não busque no parceiro um complemento do que falta em você (...) Afinal, a história da cara-metade é muito antiga e chata.” (p.126)

“31. Deixar que ele pague o jantar. Se o objetivo for oferecer a ele uma oportunidade de mostrar-se autoconfiante ou generoso” (p.128)

“38. Dividir as tarefas de casa. Não significa apenas o trivial, ‘você lava, eu enxugo’.” (p. 128)

“39. Trabalhar sem culpa. Toda a mãe que se desdobra também em profissional já experimentou esse sentimento ao menos uma vez na vida.” (p.128)

Homem (adora falar; ‘paga o jantar’) x mulher (perceber as necessidades do homem; dramática e chorona; não é ousada no sexo; infantiliza o homem; amor romântico; são suas as tarefas da casa; responsável pelos filhos)

Sexo (escolha individual) x amor (compromisso com o outro)

(C)

“Enquanto o sexo é uma escolha individual, amor é compromisso com o outro” (p.124)

“Os homens adoram falar, e uma mulher que sabe ouvir com atenção, cuidado e interesse ganha muitos pontos” (p.124)

“experimentar sexo sem amor pode ser bem interessante” (p.124)

“Para conectar-se ao sexo em tempo de tanta dispersão, explore o erotismo disponível em revistas, livros e imagens.” (p.124)

“39. Trabalhar sem culpa. Toda a mãe que se desdobra também em profissional já experimentou esse sentimento ao menos uma vez na vida.” (p.128)

(D)

“No amor não há boas regras. Há boas ou más percepções do tipo de necessidade masculina’, ensina o psicanalista Alberto Goldin.” (p.123)

“Você até pode querer juntar as duas coisas [sexo e amor], mas não transe somente por amor ao outro. Busque seu prazer sexual, lembrando que experimentar sexo sem amor pode ser bem interessante” (p.124)

“Para conectar-se ao sexo em tempo de tanta dispersão, explore o erotismo disponível em revistas, livros e imagens. (...) Quando bater aquela sensação de que o sexo é só mais uma tarefa do dia, leia uma dessas histórias e inspire-se.” (p.124)

“10. Ousar (mesmo!). Pelo menos uma vez ou outra seja ousada no sexo. Vista-se poderosamente com corpete, salto alto e peruca (por que não?). Faça strip-tease, transe na escada de incêndio, deixe alguém de boca aberta! Você se sentirá sedutora.” (p.124)

“Os homens adoram falar, e uma mulher que sabe ouvir com atenção, cuidado e interesse ganha muitos pontos” (p.124)

Recomenda que os problemas sejam tratados individualmente; não estimula o diálogo entre os parceiros.

(E)

[O texto completo são recomendações de comportamento para as mulheres.]

(F)

“No amor não há boas regras. Há boas ou más percepções do tipo de necessidade masculina’, ensina o psicanalista Alberto Goldin.” (p.123)

“O sexo desencadeia algumas das sensações mais intensas e maravilhosas da nossa vida’, afirma o psicólogo Ailton Amélio.” (p.124)

“Os homens adoram falar, e uma mulher que sabe ouvir com atenção, cuidado e interesse ganha muitos pontos’, acredita o psicanalista Alberto Goldin.” (p.124)

Os profissionais gozam de credibilidade, devem vigiar suas próprias falas.

Texto 26: revista elege as 50 marcas que mulheres deixaram na história contemporânea.

(A)

“20. Inovar o sexo. Segundo a Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico e Sensual, 70% dos consumidores de produtos eróticos no país são mulheres.” (p.174)

“27. Alimentar-se com sabedoria. Quem costuma decidir o que vai à mesa nas refeições dentro de casa? Quem lê o rótulo dos produtos no supermercado antes de colocá-los no carrinho? Comer bem e saber fazer escolhas são investimentos que toda a mulher valoriza.” (p.174)

“34. Assumir desejos. Se hoje a brasileira faz sexo sem compromisso e não é julgada, muito se deve à atriz Leila Diniz, que demoliu tabus numa época em que a repressão dominava o país.” (p.176)

“38. Ficar feliz solteira. Antes, era impossível pensar em mulheres solteiras na faixa dos 30, que curtem a vida e não direcionam seus desejos na busca de um marido.” (p.176)

“41. Espalhar alegria. A felicidade colorida e gingada está no DNA da mulher brasileira.” (p.176)

“42. Explicar o mundo. É coisa de mulher criar metáforas para traduzir algo difícil. A jornalista e psicanalista gaúcha Carmen da Silva, que estreou uma coluna em Claudia em 1963, fazia o papel de trazer para o dia a dia o tal do feminismo.” (p.178)

“45. Decidir o tamanho da família. (...) Sair para trabalhar deixando esse time [os filhos] era difícil.” (p.178)

“47. Ter liberdade para amar outra mulher.” (p.178)

“49. [Em 1967, mulheres estadunidenses] levaram para uma passeata símbolos que as reduziam a mero objeto de desejo, como o salto alto e o sutiã.” (p.178)

Valores: descreve uma mulher moderna, porém em outras matérias contradiz seus argumentos. No texto 25, da mesma edição, por exemplo, sugere que a mulher ousada na cama use os acessórios que condena neste texto (salto alto, sutiã, corpete, lingerie sensual, etc.).

(C)

“Comer bem e saber fazer escolhas são investimentos que toda a mulher valoriza.” (p.174)

“A felicidade colorida e gingada está no DNA da mulher brasileira.” (p.176)

“É coisa de mulher criar metáforas para traduzir algo difícil.” (p.178)

(F)

“20. Inovar o sexo. Segundo a Associação Brasileira das Empresas do Mercado Erótico e Sensual, 70% dos consumidores de produtos eróticos no país são mulheres.” (p.174)

Texto 27: a manutenção do casamento após uma crise interna ou externa à relação. (p.164)

(A)

“No auge da paixão, o sexo é todo dia, toda hora. Mas o tempo transforma o arrebatamento em intimidade e, com ela, vem os problemas, os filhos, as transformações do corpo.”

Valores: o sexo, a fantasia, o amor romântico não se mantém com a rotina. Outra vez, cita a aparência como fator determinante para o prazer sexual.

(B)

“o tempo transforma o arrebatamento em intimidade”

Paixão x rotina: em outras reportagens, a paixão é descrita como um sentimento finito e a rotina do relacionamento (casamento) faz crescer a cumplicidade e o amor.

(C)

“Nenhum casamento sobrevive sem sexo, mas apenas o sexo não mantém uma relação.”

(E)

“Para os casais desta reportagem, é hora de buscar uma nova estratégia para turbinar o desejo. Se eles conseguirem, você também pode superar os alertas vermelhos da rotina, da chegada dos filhos e até do tempo.”

Esforço pela manutenção do casamento.

(F)

“A energia sexual é movida pela criatividade, e o cotidiano a empobrece. É preciso investir na ousadia para o sexo de cada dia continuar excitante”, afirma a terapeuta sexual Ana Canosa, de São Paulo.”

“A intimidade pode ser negativa quando os parceiros ficam tão à vontade que perdem o interesse no outro’, alerta Carmita Abdo, coordenadora do Programa de Estudos em Sexualidade da USP.”

“Os depoimentos a seguir [*das entrevistadas*] comprovam isso.”

Texto 28: apresentação para a série de matérias que seguem. (p.152)

(A) (C)

Claudia convida você a começar 2012 zerando aqueles dilemas de amor e sexo que estão sempre piscando no nosso inconsciente – às vezes, no consciente mesmo.

Valores: dilemas de amor e sexo acompanhariam as pessoas.

Axioma: aqueles dilemas que estão sempre piscando.

Texto 30: questionamento de leitoras sobre condutas sexuais seguido de respostas da revista.

(A)

“cumplicidade sexual” (p.162)

“mostre interesse pelas fantasias e os desejos atuais dele.” (p.162)

“Diga ao seu marido que, se deseja realizar essa fantasia [praticar sexo anal], ele deve caprichar nas preliminares e respeitar seu ritmo” (p.164)

“Como o ânus não tem a capacidade de dilatação da vagina, adotem um lubrificante à base de óleo, para facilitar a penetração, e usem camisinha, por mais intimidade que tenham.” (p.164)

“Muita gente nunca se submeteu ao teste de HIV.” (p.164)

“para as mulheres, o sexo com a pessoa amada, apenas, é mais prazeroso.” (p.164)

“Simplesmente não assista [*filmes pornográficos*]. Mas não proíba seu marido de ver.” (p. 166)

“[*marido que se masturba*] O sexo solo é uma atividade saudável e, no entanto, distinta da relação sexual com uma mulher. O toque é importante e faz a diferença.” (p.166)

“Se isso [*a ejaculação feminina*] não atrapalha o desejo do seu parceiro, sinal de que ele não vê nada de errado com a sua maneira de sentir prazer.(...) Um jeito de lidar com a situação é usar o bom humor e não se levar tão a sério.” (p.166)

“Para descobrir se ele [*o marido*] percebe seu esgotamento [*por ser mãe, trabalhar o dia todo e administrar a casa*], lance o tema despretensiosamente no jantar ou enquanto assistem TV.” (p. 166)

“[*A mulher não devia sentir-se ofendida porque o marido convidou-a para uma casa de suíngue*]. Afinal, ele tinha a intenção de viver essa nova experiência a seu lado. (...) Se acha que o sexo ficou morno depois do episódio, volte ao assunto do suíngue para mostrar que se importa com os desejos dele.” (p.168)

“[*Marido com sinais de impotência*] observe se ele está passando por um período de stress, depressão, ansiedade. Ou se passou a tomar algum medicamento controlado ou para combater a calvície. (...) Se nada disso estiver em jogo, dialogue carinhosamente com seu amado mostrando que está com ele nessa fase e que vai ajudá-lo. Vale sugerir consultar um médico para, além de realizar exames locais, solicitar dosagem hormonal.” (p.168)

“Os seios são áreas erógenas...” (p.168)

“[*Mulher não gosta que mexam nos seus seios quando faz sexo*] a percepção da sensação é subjetiva – pode ser registrada como excitante para algumas mulheres e desagradável para outras. Existe a possibilidade de a aflição e a irritação serem uma defesa ao prazer, fruto de nossa educação, ainda muito repressora.” (p. 168)

Vocabulário específico (ânus, HIV, dosagem hormonal, áreas erógenas...)

Valores: cita a educação repressora como influência negativa na sexualidade ao mesmo tempo em que estimula a devoção da mulher ao homem, sem exigência de reciprocidade.

(B)

“mostre interesse pelas fantasias e os desejos atuais dele.” (p.162)

“O medo, racional ou irracional, de contrair a doença [*HIV*] acaba fazendo parte do pacote.” (p.164)

“para as mulheres, o sexo com a pessoa amada, apenas, é mais prazeroso.” (p.164)

“O sexo solo é uma atividade saudável e, no entanto, distinta da relação sexual com uma mulher. O toque é importante e faz a diferença.” (p.166)

“*[A mulher não devia sentir-se ofendida porque o marido convidou-a para uma casa de suíngue]*. Se acha que o sexo ficou morno depois do episódio, volte ao assunto do suíngue para mostrar que se importa com os desejos dele.” (p.168)

“*[Marido com sinais de impotência]* dialogue carinhosamente com seu amado mostrando que está com ele nessa fase e que vai ajudá-lo.” (p.168)

Homem (masturbação; pode expressar seu desejo por práticas fora do padrão) x mulher (interesse pelos assuntos do homem; sexo com amor)

Racional x irracional

(C)

“Muita gente nunca se submeteu ao teste de HIV. O medo, racional ou irracional, de contrair a doença acaba fazendo parte do pacote.” (p.164)

“para as mulheres, o sexo com a pessoa amada, apenas, é mais prazeroso.” (p.164)

(D)

“mostre interesse pelas fantasias e os desejos atuais dele.” (p.162)

“Diga ao seu marido que, se deseja realizar essa fantasia [*praticar sexo anal*], ele deve caprichar nas preliminares e respeitar seu ritmo” (p.164)

“Para que isso [*medo de que o marido seja portador de HIV*] não acabe com o seu desejo sexual, proponha a seu marido irem juntos fazer o exame.” (p.164)

“Simplesmente não assista [*filmes pornográficos*]. Mas não proíba seu marido de ver.” (p. 166)

“O sexo solo é uma atividade saudável e, no entanto, distinta da relação sexual com uma mulher. O toque é importante e faz a diferença.” (p.166)

“Diga que adoraria ter mais momentos para namorar, mas vive cansada [*por ser mãe, trabalhar o dia todo e administrar a casa*]. É importante deixar claro que ainda se sente

atraída por ele. (...) Também procure reorganizar seu tempo incluindo horas de descanso e de prazer.” (p.168)

“*[A mulher não devia sentir-se ofendida porque o marido convidou-a para uma casa de suingue]*. Afinal, ele tinha a intenção de viver essa nova experiência a seu lado. (...) Se acha que o sexo ficou morno depois do episódio, volte ao assunto do suingue para mostrar que se importa com os desejos dele.” (p.168)

“*[Marido com sinais de impotência]* observe se ele está passando por um período de stress, depressão, ansiedade. Ou se passou a tomar algum medicamento controlado ou para combater a calvície. (...) Se nada disso estiver em jogo, dialogue carinhosamente com seu amado mostrando que está com ele nessa fase e que vai ajudá-lo.” (p.168)

(E)

“mostre interesse pelas fantasias e os desejos atuais dele.” (p.162)

“Diga ao seu marido que, se deseja realizar essa fantasia [*praticar sexo anal*], ele deve caprichar nas preliminares e respeitar seu ritmo” (p.164)

“Também é recomendável tomar medidas de ordem prática. Como o ânus não tem a capacidade de dilatação da vagina, adotem um lubrificante à base de óleo, para facilitar a penetração, e usem camisinha, por mais intimidade que tenham.” (p.164)

“Prefira falar sobre o assunto [*mudança nas preliminares previsíveis*] fora da cama, num jantar a dois, por exemplo.” (p.164)

“Diga que adoraria ter mais momentos para namorar, mas vive cansada [*por ser mãe, trabalhar o dia todo e administrar a casa*]. É importante deixar claro que ainda se sente atraída por ele. (...) Também procure reorganizar seu tempo incluindo horas de descanso e de prazer.” (p.168)

“Se acha que o sexo ficou morno depois do episódio [*ter se ofendido com o convite para ir a um suingue*], volte ao assunto do suingue para mostrar que se importa com os desejos dele.” (p.168)

“*[Marido com sinais de impotência]* observe se ele está passando por um período de stress, depressão, ansiedade. Ou se passou a tomar algum medicamento controlado ou para

combater a calvície. (...) Se nada disso estiver em jogo, dialogue carinhosamente com seu amado mostrando que está com ele nessa fase e que vai ajudá-lo. Vale sugerir consultar um médico para, além de realizar exames locais, solicitar dosagem hormonal.” (p.168)

“*[Mulher não gosta que mexam nos seus seios quando faz sexo]* cogite submeter-se a uma avaliação psicológica. Enquanto isso, desvie os carinhos do seu parceiro para outras regiões, mostrando o que satisfaz você.” (p.168)

Conselhos orientam a mulher a priorizar o marido.

(F)

“Com os conselhos do nosso time de especialistas (...)” (p.162)

“Com isso [*desconfiar que o marido tem amante*], só vai gastar energia mental’, afirma o terapeuta sexual Oswaldo Martins Rodrigues Jr., diretor do Instituto Paulista de Sexualidade (Inpasex).” (p.162)

“A ansiedade é a grande responsável pela dor. Por isso, quanto mais relaxada estiver, menor será o incômodo’, ressalta a terapeuta sexual Cristina Romualdo, do Instituto Kaplan, de São Paulo.” (p.164)

“Lembre-se que os homens adoram que mulher converse sobre sexo, pois isso indica que ela se interessa pelo assunto’, garante a terapeuta sexual Carla Cecarello, de São Paulo.” (p.164)

“Muitos homens acreditam que, se tiverem duas mulheres ao mesmo tempo, o prazer será maior. A ideia faz com que se sintam mais poderosos e viris’, comenta Amaury Mendes Jr., terapeuta sexual e de casal, do Rio de Janeiro.” (p. 164)

“A transparência na relação é importante. Além disso, se ele tiver abertura para verbalizar os desejos, não verá tantos motivos para realizá-los às escondidas, colocando a saúde e a relação em risco’, afirma a terapeuta sexual Valéria Walfrido, de Recife. (p. 164)

“No meu consultório, ouço muitos homens contando que, além da relação sexual da parceira, se masturbam, inclusive pensando nela mesma. Não se considere desprezada’, conclui Oswaldo Rodrigues [*diretor do Inpasex*].” (p.166)

Texto 33: sexo praticado virtualmente, utilizando as redes sociais, é uma novidade entre os casais para manter o erotismo da relação. (p.83)

(A)

“*[Manter o sexo quente e em dia pelo Skype e Facebook (redes sociais da internet)]* Você cometeria essa ousadia?”

“Falta de tempo e cansaço não são mais motivos para deixar o casamento esfriar. Agora a moda entre os casais é usar aplicativos e ferramentas da internet para trazer novas possibilidades (e surpresas excitantes!) para o bom e velho romance.”

“*[Após o depoimento de uma entrevistada que pratica sexo virtual com o marido]* Mestre na modalidade, ela recomenda *[a prática]*.”

Valores: a penetração vaginal é o padrão de relação sexual, os demais são chamados “ousadia” ou “moda”.

(F)

“Os programas de comunicação tem ajudado homens e mulheres a manter o lado erótico da relação quando estão distantes um do outro’, afirma Oswaldo M. Rodrigues Jr., psicólogo do Instituto Paulista de Sexualidade.”

Texto 37: perda do desejo sexual como consequência da endometriose. (p.74)

(A)

“a doença [endometriose] pode levar à perda do desejo sexual. (...) Há duas novidades para o tratamento: um DIU em tamanho menor e um anticoncepcional à base de uma nova progesterona. O primeiro é indicado para quem não pode tomar contraceptivos hormonais combinados; o segundo foi criado especificamente para combater o problema.”

Vocabulário específico: DIU, progesterona, hormônios combinados.

(F)

“A endometriose causa uma inflamação perto da vagina. Quando esta é estimulada, vem a dor, que com o tempo, mina o prazer’, explica Eduardo Schor, ginecologista e coordenador do estudo *[da Unifesp]*.”

Texto 38: Mulher descobre que o namorado navega em sites pornográficos em casa e no trabalho e diz que isso coloca em risco a relação de ambos e a carreira dele. (p.88)

(A)

“põe em risco nossa relação”

“*[Descobrir]* incomoda porque nos lembra que ele pode fantasiar o sexo com outras pessoas. Contudo, as fantasias eróticas fazem parte da condição humana, e isso não quer dizer que o desejo do parceiro por você esteja em baixa.”

Valores: relacionamento como posse do outro.

(C)

“Descobrir que o parceiro recorre à pornografia incomoda porque nos lembra que ele pode fantasiar o sexo com outras pessoas.”

“as fantasias eróticas fazem parte da condição humana”

Não considera que a pergunta pode referir-se à moral religiosa e não à posse ou ao ciúme, por exemplo.

(E)

“Caso ele não mude de atitude, vale buscar ajuda especializada para ele.”

Medicalização do que é tido como perversão.

(F)

“O psicanalista Eduardo Furtado Leite, da PUC-São Paulo, observa que a pornografia pode ser inclusive um tempero para a vida a dois. Para Oscar Cesarotto, também psicanalista, de São Paulo, a consulta a sites pornográficos vira um problema quando coloca em risco relações afetivas ou profissionais.”

Texto 39: indicação do livro “Fifty shades of grey”, quando ainda não havia sido lançado no Brasil (p. 26)

(A) (F)

“O livro que, segundo o ‘Guardian’, promete ser uma espécie de ‘Crepúsculo’ para adultos, ‘Fifty shades of grey’. Romance de estreia da autora inglesa E. L. James (...) está na lista

dos mais vendidos do 'The New York Times'. Anastasia Steele é uma estudante de literatura que se apaixona por Christian Grey e entra em uma relação passional de desejo e controle. É um romance erótico que mobilizou as mulheres americanas. Fiquei curiosa" [Adriana Yoshida, redatora-chefe de claudia.com.br]

Popularização da literatura erótica feminina.

Credibilidade ao livro com a recomendação do "The New York Times"

Texto 41: trata da fisioterapia destinada a exercitar os músculos do assoalho pélvico para fortalecer a região e auxiliar o prazer sexual da mulher.

(A)

"quanto mais tonificada for a musculatura genital, maior a possibilidade de atingir o orgasmo"/"fisioterapia ginecológica"/"[*atendimento em 3 frentes*] ginecológica, psicológica e fisiológica, por meio de fisioterapia uroginecológica – nome da especialidade que estuda, formula e monitora exercícios e práticas para fortalecer a musculatura genital." (p.198)

"Levantar os braços e acenar animadamente pode ser um problema para mulheres a partir dos 35 anos. A musculatura interna do braço balança sem constrangimento" (p.198)

"incontinência urinária"/"musculatura perineal"/"O assoalho pélvico, ponto trabalho com especial dedicação durante a fisioterapia, é um complexo de músculos e ligamentos que se estende do início da vulva ao cóccix e circunda do canal vaginal, a uretra, o clitóris e o ânus."/"/"parede vaginal" (p.200)

"O movimento básico é aquele de segurar o xixi" (p.200)

Necessidade de conhecimento de vocabulário.

Valores: importância da penetração vaginal para as relações heterossexuais.

(C)

"Levantar os braços e acenar animadamente pode ser um problema para mulheres a partir dos 35 anos. A musculatura interna do braço balança sem constrangimento" (p.198)

(E)

"Para fazer em casa [*recomendação de exercícios por uma fisioterapeuta*]" (p. 200)

(F)

“A flacidez nessa região [*genital*] é um processo fisiológico que faz parte do envelhecimento do corpo. (...)’, explica Carolina Ambrogini, ginecologista e sexóloga do Projeto Afrodite, da Unifesp, em São Paulo.” (p.198)

“Barriga tanquinho não segura ninguém. Já esse trabalho pélvico melhora muito a vida sexual do casal.’ [*Mirian Kracochansky, fisioterapeuta com doutorado em urogeriatria, de São Paulo*]” (p. 200)

“A musculatura do assoalho pélvico , quando tonificada, torna-se mais vascularizada, enervada, muito sensível ao toque e propensa ao prazer. Ela também poderá dar respostas sexuais mais rápidas, fazendo contrações mais intensas durante a penetração e, assim, facilitando a conquista do orgasmo, tanto da mulher quanto do homem’, explica Maria Angélica Alcides, fisioterapeuta especializada em saúde a mulher e coordenadora de fisioterapia no Projeto Afrodite.” (p. 201)

Texto 46: conselhos para mulheres que terminaram seu relacionamento e estão à procura de um novo parceiro.

(A)

“De volta ao mercado” (p.126)

“Recém-separada do namorado ou abalada pelo fim do casamento, você se vê destreinada na arte da paquera: como, quando e onde engatar um novo romance? Claudia dá uma força” (p.126)

“As calcinhas? Bem, as melhores tem só um furo. Agora, de volta ao mundo da conquista, é hora de dar um tapa no visual.” (p.126)

“Saia para rir com casais e não se sinta deslocada porque está sem um par” (p.126)

“Sexo na balada. Se você que simplesmente um parceiro para transar, aceite o convite da estagiária do escritório para ir à balada da hora. (...) Se essa é a intenção, não pense que estará em desvantagem diante das meninas com metade da sua idade.” (p.126)

“Tenha foco. Qual é o seu objetivo? Um garotão ou um executivo? Um hippie ou um intelectual? ‘Não adianta gastar horas na maquiagem e ir para o lugar errado’ ensina Jaqueline Barbosa, editora do site de relacionamentos Casal Sem Vergonha. ‘Quer um sujeito pacato? Pense em encontrá-lo na livraria. Um cara animado? Mire no bar da moda.’” (p.127)

“Não se sinta uma tia ridícula” (p.127)

“Cuide do visual. Vista-se de forma a sentir-se atraente, o que não quer dizer que você deva adotar o visual perigete – isso seria meio ridículo.” (p.127)

“Para que flertar e comprar calcinhas novas se você vai recusar um convite para sair porque não tem com quem deixar as crianças?” (p.128)

“Se deu vontade [*de manter relações sexuais no primeiro encontro*], não vejo por que adiar. Além do mais, um bom sexo serve como isca.” (p.128)

Valores: terminar um relacionamento e buscar um novo parceiro passa por submeter-se às regras do “mercado” dos solteiros: aparência, idade, filhos são itens relevantes. Novamente aqui o tema do sexo no primeiro encontro.

(B)

“Sexo na balada. (...) Se essa é a intenção, não pense que estará em desvantagem diante das meninas com metade da sua idade.” (p.126)

“Tenha foco. Qual é o seu objetivo? Um garotão ou um executivo? Um hippie ou um intelectual? (...) ‘Quer um sujeito pacato? Pense em encontrá-lo na livraria. Um cara animado? Mire no bar da moda.’” (p.127)

“Não se sinta uma tia ridícula” (p.127)

“Se deu vontade [*de manter relações sexuais no primeiro encontro*], não vejo por que adiar. Além do mais, um bom sexo serve como isca.” (p.128)

Jovem (beleza) x velha (não está em desvantagem diante das jovens, tia); estereótipos (garotão, executivo, hippie, intelectual); homem (relações sexuais livres) x mulher (não deveria fazer sexo no primeiro encontro, mas para manter o homem, vale a pena).

(E)

“Não é o caso de virar uma histérica, mas evite o semblante abatido da recém-separada.”

(p.126)

“Saia para rir com casais e não se sinta deslocada porque está sem um par” (p.126)

“Se você quer simplesmente um parceiro para transar, aceite o convite da estagiária do escritório para ir à balada da hora.” (p.126)

“Cuide do visual. Vista-se de forma a sentir-se atraente, o que não quer dizer que você deva adotar o visual perigete – isso seria meio ridículo.” (p.127)

“Não se sinta uma tia ridícula” (p.127)

Recomendações demonstram a necessidade de adaptação da mulher às exigências impostas a uma solteira.

(F)

“Muitas mulheres passam a usar *roupas de casada*, abandonam a sensualidade e viram senhoras. Os homens não gostam disso’ diz a psicóloga e *heart hunter* [caçadora de corações] Eliete Matielo, da agência Eclipse Lover.” (p.126)

“A balada é o lugar em que os homens geralmente estão procurando sexo sem compromisso. Fique atenta. Ailton Amélio da Silva, psicólogo e professor da USP.” (p. 127)

“Mostre para os pretendentes que você está disponível’, sugere Ailton Amélio [da Silva, psicólogo]” (p. 127)

Texto 47: aqui, o fato a ser destacado é o visual da matéria. Trata-se de três páginas de fundo vermelho, com as fotos, descrição e preços de oito tipos de vibradores.

(A)

“brinquedos eróticos”/“sofisticados e discretos” (p.130)

“estimulador clitoriano”/estimulador anal” (p.131)

Vocabulário específico.

Texto 48: lançamento do livro “Cinquenta tons de cinza” no Brasil (p.50)

(A)

“Romance apimentado”

“Para emoção geral, o livro descreve, com riqueza de detalhes, a rotina sexual dos dois [protagonistas], recheada de exibicionismo, sadomasoquismo e muita selvageria.”

Nota com linguagem sensacionalista.

(B)

“escritora britânica E. L. James, ex-executiva de TV e mãe de duas adolescentes que surpreendeu a muitos com sua prosa recheada de picardia.”

Texto 50: matéria fala sobre a falta de desejo sexual permanente em 27% das mulheres, de acordo com o livro “Descobrimto Sexual do Brasil – para curiosos e estudiosos”, da psiquiatra Carmita Abdo, suas causas e possíveis tratamentos.

(A)

“insatisfação com o próprio corpo – que parece muito distante do modelo de beleza talhado a bisturi e malhação.” (p.151)

“anemia, diabetes, hipotireoidismo e transtornos de ansiedade” (p.151)

“depressão”/“sistema límbico, responsável pelo controle das emoções”/“desvenlafaxina”/“neurotransmissores serotonina e noradrenalina”/“agomelatina e bupropiona”/“testosterona, hormônio masculino ligado à produção da libido”/“estrógeno, hormônio feminino que determina as curvas”/“reposição hormonal”/“Viagra da mulher”/“Flibanserin”/“FDA, órgão que regulamenta os medicamentos nos EUA”/“sistema nervoso central”/“dor no ato sexual (dispareunia) e a contração involuntárias dos músculos da vagina (vaginismo)”/“lubrificação da área” (p.152)

“Vibradores e lingerie não fazem efeito se o obstáculo [para a falta de desejo] estiver na cabeça.” (p.152)

“E há o freio da educação. Meninas são criadas para pensar no prazer do outro. As mães nunca ensinam que gozar é um direito delas.” (p. 152)

“Mulheres querem transar com um homem que admiram.” (p.152)

“Basta não se guiar pelas imagens romantizadas da mídia, que prega a perfeição mostrando noites caras, com velas, bebidas finas e jeito de maratona erótica.” (p.152)

Vocabulário médico. Crítica à educação sexual e à mídia surpreende se comparada aos demais textos.

(B)

“insatisfação com o próprio corpo – que parece muito distante do modelo de beleza talhado a bisturi e malhação.” (p.151)

“[*causas para a falta de desejo podem ser*] físicas ou emocionais” (p.151)

“Quando o físico está em dia, o olhar recai sobre as emoções.” (p.152)

“Mulheres querem transar com um homem que admiram.” (p.152)

Físico x emocional; mulher x homem; belo x feio.

(C)

“E há o freio da educação. Meninas são criadas para pensar no prazer do outro. As mães nunca ensinam que gozar é um direito delas.” (p. 152)

“Mulheres querem transar com um homem que admiram.” (p.152)

Não se esclarece a origem destas frases.

(D)

“Elas [*mulheres entre 18 e 25 anos e acima de 40 anos que sofrem de falta de desejo sexual*] não conseguem se excitar, não relaxam, travam... E preferem evitar a cama.” (p.151)

Não cita o diálogo entre parceiros como alternativa de solução.

(E)

“Descubra por que e os caminhos para reencontrar a libido” (p.151)

“Basta não se guiar pelas imagens romantizadas da mídia, que prega a perfeição mostrando noites caras, com velas, bebidas finas e jeito de maratona erótica.” (p.152)

Em outros textos, estimula a fantasia baseada neste padrão que ora critica.

(F)

“No livro ‘Descobrimto Sexual do Brasil – para curiosos e estudiosos’ (Summus Editorial), Carmita [*Abdo, psiquiatra e professora da Faculdade de Medicina da USP*] observa que 27% das mulheres enfrentam a falta de desejo sexual permanente.” (p.152)

Texto 52: aponta aspectos comuns aos livros da coleção ‘Cinquenta tons de cinza’ e ‘Crossfire’, de erotismo voltado ao público feminino. (p.42)

(A) (B)

“Os mocinhos não querem romance. (...) seu lance [*de C. Grey, de 50 tons...*] é ‘f... com força’. Gideon Cross, o bilionário que encanta Eva [*em Toda sua*], diz que não gosta de romance. ‘Eu quero comer você’, afirma.”

Homens (não são românticos, querem apenas ter relações sexuais) x mulheres (são românticas)

(A)

“Elas são uma máquina de prazer. Anastassia [*50 tons...*] e Eva tem um orgasmo atrás do outro e basta que toquem a mão do amado para que uma ‘eletricidade’ as invada e dispare o gatilho do desejo.”

Nota ressalta que os livros tratam do sexo como algo instintivo.

Texto 53: entrevista para o lançamento do livro “Como pensar mais sobre sexo”, do escritor suíço Alain de Botton. (p.46)

“Não pensamos em sexo o suficiente?”

“Todos pensamos sobre sexo, até demais. No entanto, mantemos uma relação estranha com ele. De maneira obsessiva, com pouco ânimo e entusiasmo. É hora de encarar o sexo com bom humor, de falar nele com honestidade. Meu livro é um convite para rever um assunto que nós, equivocados, achamos que conhecemos por completo.”

“Uma sociedade erotizada em excesso, como a nossa, tende a ser menos libidinosa?”

“Sim. Nós não somos tão libidinosos quanto pensamos. A publicidade sugere que o erotismo é uma constante na nossa vida, mas uma pequena parte da população faz sexo de qualidade regularmente.”

“Há países mais sensuais?”

“Não estou certo quanto a isso.”

“Diz o senso comum que homens pensam mais em sexo do que mulheres. O senhor acredita nisso?”

“Tanto os homens quanto as mulheres podem ser vítimas da rotina. A nossa casa não nos provoca desejos.”

Texto que mais relativizou e procurou desnaturalizar o sexo.

Texto 54: texto lista mulheres que se destacaram na história do feminismo (p.72)

(A)

“Shere Hite. A sexóloga fez nos anos 1970 um amplo estudo sobre a sexualidade feminina e provou que as mulheres tem mais prazer com estímulos clitoridianos do que com penetração.”

Contradiz os demais textos que tem no orgasmo pela penetração vaginal um objetivo.

(A) (B)

“Leila Diniz. Símbolo da libertação sexual nos anos 1960 e 1970, a atriz brasileira escandalizou o país aos posar grávida de biquíni e defender o amor livre. Dizia ser capaz de amar um homem e ir para a cama com outro.”

Mistificação da celebridade, exotismo do tema e antagonismo sexo x amor.

Texto 55: tendência atual de consumo de pornografia voltada para o público feminino, o chamado “pornô light”. (p.199)

(A)

“Pornô light”

“mommy porn, cuja definição é ‘literatura erótica para mulheres comuns, gente como a gente’.”

“[*mistura*] narrativas de cenas de sexo recheadas de sadomasoquismo com uma história de amor.”

“os e-books garantem que moçoilas e senhoras leiam as histórias mais escabrosas em seus tablets sem que ninguém saiba o que estão saboreando.”

Vocabulário: *mommy porn* (pornô diferenciado para mães/mulheres casadas)

Valores: relações sexuais fora do padrão não eram aceitáveis para “mulheres comuns”; mulheres não poderiam ser flagradas pensando, falando, lendo sobre sexo.

(B)

“[*mistura*] narrativas de cenas de sexo recheadas de sadomasoquismo com uma história de amor.”

“As brasileiras também ficaram alvoroçadas com a novidade. ‘Sabíamos que o livro seria bem aceito. Ainda que a história seja picante e o sexo esteja presente o tempo todo, trata-se de um grande romance’, defende Bruno Porto, editor de aquisições da [*editora*] Intrínseca.”

“os e-books garantem que moçoilas e senhoras leiam as histórias mais escabrosas em seus tablets sem que ninguém saiba o que estão saboreando.”

Sexo (história picante) x amor (romance entre protagonistas); mulheres respeitáveis (casa) x amantes (rua)

(F)

“Especialistas explicam por que a recente onda de livros picantes (...) veio para ficar. Eles defendem: o novo gênero é um avanço.”

“Os estudiosos do comportamento feminino argumentam, ainda, que a demanda feminina por produtos pornôs estava represada e já dava há tempos sinais de que iria explodir.”

CONCLUSÃO

A revista Claudia cumpre o relevante papel de levar informação variada a um público majoritariamente feminino e heterogêneo, pois é distribuída em todo o Brasil. Seu formato é atraente, ilustrado com fotos e outras imagens coloridas e impactantes. O tratamento dispensado aos diversos assuntos a torna acessível. A estrutura do texto e a linguagem demonstram a preocupação da editora em permitir que pessoas comuns se identifiquem com suas reportagens e depoimentos. É a identificação a garantia de consumo da publicação: Claudia procura assuntos e abordagens de interesse de suas leitoras, da mesma forma que estas buscam na revista temas que lhes despertem a atenção.

Este é um dos motivos por que a mídia, e essa publicação em especial, reproduzem conceitos e padrões de comportamento vigentes na sociedade ocidental. Raros são os momentos em que a revista trata de assuntos delicados, tabus e, quando o faz, seu viés é o do exotismo, descrevendo-os como marginais às condutas sexuais normais. Num espaço de aproximadamente 200 páginas por edição, poderia ser possível discutir de modo mais esmiuçado alguns dos vários temas que fazem parte da agenda das mulheres e, portanto, da publicação. Falta de prazer sexual, anatomia feminina, sexualidade infantil, relacionamentos afetivos são objetos que poderiam ser mais longamente discutidos, de forma a esclarecer preconceitos ou apenas dar-se a conhecer às mulheres. Outro ponto interessante a ressaltar é a ausência de infográficos ou imagens que pudessem facilitar a compreensão dos temas descritos textualmente. Falta a algumas matérias, por exemplo, ilustrações da anatomia humana: nenhuma das 24 edições de Claudia conta com uma figura que represente o aparelho genital feminino, apesar de a reportagem “Malhação íntima” (Claudia, abr. 2012, p. 198) referir que em geral as mulheres não sabem identificar algumas partes de seu corpo.

A partir dessa análise, percebeu-se que a revista é uma das peças complementares da rede assimétrica de construção da sexualidade humana e, em última instância, do prazer

sexual feminino. O sexo ocidental normal é representado pelo casal heterossexual monogâmico, legítimo e estável, responsável pela procriação, e que, por isso, pratica de forma prioritária a penetração vaginal como forma de obtenção de prazer. As demais formas de relação sexual são tratadas como incomuns e/ou de maneira sensacionalista, como citaram Russo *et al* (2011).

A publicação reforça a cada oportunidade que o bem-estar das pessoas está ligado ao seu prazer sexual. A consequência dessa crença é o “dever do orgasmo”, como descrito por Béjin (1985); é a exigência de que as relações sexuais tenham o orgasmo como meta a ser atingida. A mulher deve equacionar todos os aspectos levantados pela revista (aparência física, cuidado dos filhos, carreira profissional, atenção aos desejos e necessidades do parceiro – muitas vezes sem contrapartida) e estar pronta para ter relações sexuais e sentir prazer. O tipo ideal de sexo abarca além do casal heterossexual, a obrigatoriedade dos parceiros de atingirem o prazer sexual.

A naturalização da imagem de sexo ideal pode ser verificada nos itens A (valores, vocabulário, conduta), C (axiomas) e E (recomendação de atitudes) da descrição acima, os quais não trazem elementos novos ou extraordinários à discussão sobre sexo, apenas repetem e reproduzem valores já compartilhados, mantendo as relações desiguais de poder. O item B remete ao antagonismo original homem *versus* mulher, como propôs Foucault (1988). A classificação da realidade dessa forma, em pares dicotômicos, dificulta a compreensão da existência de elementos não estanques nem exóticos, como, por exemplo, homens que gostam de realizar as tarefas da casa ou que precisam estar apaixonados para manter relações sexuais e mães que deixam a guarda dos filhos com o ex-companheiro ou mulheres que tem o hábito de masturbar-se.

A legitimidade das propostas de pauta se dá com a consulta a especialistas diversos, conforme item F. Os meios de comunicação em geral gozam de prestígio e garantem a confiança dos leitores ao fazer uso do discurso científico, entrevistando profissionais capacitados para as matérias. Destacamos neste trabalho o papel dos profissionais da saúde e dos sexólogos, presentes em praticamente todos os textos, mesmo que os trechos

das falas desses especialistas sejam utilizados isolados do contexto no qual foram colhidos. Ainda assim, podem ser importantes para o auto-exame da conduta das leitoras, em especial no que se refere à medicalização da vida sexual, pois vários foram os textos que referiram prognósticos médicos para o tratamento dos problemas arrolados (falta de desejo sexual, vaginismo, obesidade, perversões, endometriose, sexo na maternidade, etc.)

Pelo panorama encontrado, após todo o processo de pesquisa da construção do prazer sexual feminino na revista *Claudia*, e uma vez que os meios de comunicação de massa são reconhecidamente uma poderosa ferramenta ideológica, segundo Ignacio Ramonet (2003), é que se acredita imprescindível a vigilância dos profissionais advindos da Comunicação Social e das Ciências Sociais sobre a forma e o conteúdo de apresentação dos assuntos disponibilizados à população. Seria construtivo para todos os entes envolvidos nos processos de comunicação que especialistas destas áreas atuassem em conjunto no exame e questionamento do que é disseminado pela mídia, não como censores, mas exercendo o papel de interlocutores dos diversos meios.

Por fim, espera-se que este trabalho e o material sistematizado no qual está fundamentado possam despertar o interesse pelo estudo antropológico dos meios de comunicação no que se refere ao tratamento conferido aos temas de empoderamento feminino.

APÊNDICE I – Dados da revista Claudia de 2011 e 2012

Mês	Ano	Identif.	Nº pág.	PP/pág.	Dimensões (cm)	Slogan lombada	Cor lombada
Jan	2011	nº1, ano 50	154	30	26,5x20,2	Claudia sempre você	branca
Fev	2011	nº2, ano 50	162	49	26,5x20,2	Claudia ame sua vida	branca
mar	2011	nº3, ano 50	190	85	26,5x20,2	Claudia ame sua vida	branca
abr	2011	nº4, ano 50	202	73	26,5x20,2	Claudia ame sua vida	branca
mai	2011	nº5, ano 50	226	104	26,5x20,2	Claudia ame sua vida	branca
Jun	2011	nº6, ano 50	212	83	26,5x20,2	Claudia ame sua vida	branca
Jul	2011	nº7, ano 50	190	60	26,5x20,2	Claudia ame sua vida	branca
ago	2011	nº8, ano 50	190	66	26,5x20,2	Claudia ame sua vida	branca
set	2011	nº9, ano 50	218	88	26,5x20,2	Claudia ame sua vida	branca
out	2011	nº10, ano 50	242	111	26,5x20,2	Claudia ame sua vida	branca
nov	2011	nº11, ano 50	238	98	26,5x20,2	Claudia ame sua vida	branca
dez	2011	nº12, ano 50	310	120	26,5x20,2	Claudia ame sua vida	branca
Jan	2012	nº1, ano 51	170	46	26,5x20,2	Claudia ame sua vida	branca
Fev	2012	nº2, ano 51	179	46	26,5x20,2	Claudia ame sua vida	branca
mar	2012	nº3, ano 51	194	93	26,5x20,2	Você tem o poder	branca

Mês	Ano	Identif.	Nº pág.	PP/pág.	Dimensões (cm)	Slogan lombada	Cor lombada
abr	2012	nº4, ano 51	242	80	26,5x20,2	Felicidade e sucesso	rosa
maí	2012	nº5, ano 51	282	128	27,5x21	Mães campeãs	preta
Jun	2012	nº6, ano 51	266	78	27,5x21	Em busca do amor	preta
Jul	2012	nº7, ano 51	238	74	27,5x21	Coração leve	preta
ago	2012	nº8, ano 51	246	87	27,5x21	Moda dos 20 aos 70	preta
set	2012	nº9, ano 51	242	91	27,5x21	Projeto verão	preta
out	2012	nº10, ano 51	294	129	27,5x21	Entre nesta festa	preta
nov	2012	nº11, ano 51	246	95	27,5x21	O que combina com você?	preta
dez	2012	nº12, ano 51	290	117	27,5x21	203 ideias de Natal e Réveillon	preta

Mês	Ano	Cor lombada	Capa		Diretora Redação	Nº	Prazer
jan	2011	Branca	Patrícia Poeta	apresentadora Rede Globo	Cynthia Greiner	1	2
						2	1
fev	2011	Branca	Gloria Pires	atriz Rede Globo	Cynthia Greiner	3	1
						4	2
						5	1
mar	2011	Branca	Grazi Massafera	atriz Rede Globo	Cynthia Greiner	6	1
						7	2
abr	2011	Branca	Gisele Bündchen	modelo	Cynthia Greiner	8	1_2
						9	1_2
						10	1
mai	2011	Branca	Fátima Bernardes	apresentadora Rede Globo	Cynthia Greiner	11	1
jun	2011	Branca	Cissa Guimarães	atriz Rede Globo	Sibelle Pedral redatora-chefe [Cynthia Greiner em férias]	12	2
						13	2
						14	2
						15	2
						16	2
						17	2
						18	2
19	2						
jul	2011	branca	Paola Oliveira	atriz Rede Globo	Cynthia Greiner	20	1
ago	2011	branca	Renata Ceribelli	apresentadora Rede Globo	Cynthia Greiner	21	1
						22	2
						23	2
set	2011	branca	Christiane Torloni	atriz Rede Globo	Cynthia Greiner	24	2
out	2011	branca	Angélica	apresentadora Rede Globo	Cynthia Greiner	25	1_2
						26	1_2
nov	2011	branca	Ivete Sangalo	cantora	Cynthia Greiner	27	1
dez	2011	branca	Claudia Raia	atriz Rede Globo	Cynthia Greiner	28	1_2
						29	2
						30	1
						31	2
jan	2012	branca	Maria Fernanda	atriz Rede Globo	Sibelle Pedral redatora-chefe	32	2
						33	1
						34	2
						35	2
fev	2012	branca	Claudia Leitte	cantora	Sibelle Pedral redatora-chefe	36	
mar	2012	branca	Grazi Massafera	atriz Rede Globo	Paula Mageste	37	1
						38	1

Mês	Ano	Cor lombada	Capa		Diretora Redação	Nº	Prazer
abr	2012	rosa	Giovanna Antonelli	atriz Rede Globo	Paula Mageste	39	1
						40	2
						41	1
mai	2012	preta	Cláudia Abreu	atriz Rede Globo	Paula Mageste	42	2
jun	2012	preta	Carolina Ferraz	atriz Rede Globo	Paula Mageste	43	2
						44	2
						45	2
						46	2
						47	1
jul	2012	preta	Fátima Bernardes	apresentadora Rede Globo	Paula Mageste	48	1
ago	2012	preta	Tais Araújo	atriz Rede Globo	Paula Mageste	49	2
						50	1
						51	2
set	2012	preta	Gisele Bündchen	modelo	Paula Mageste	52	1
						53	1_2
out	2012	preta	Gloria Pires	atriz Rede Globo	Paula Mageste	54	1_2
						55	1
nov	2012	preta	Flávia Alessandra	atriz Rede Globo	Paula Mageste	56	2
						57	2
dez	2012	preta	Patrícia Poeta	apresentadora Rede Globo	Paula Mageste	58	2

Mês	Ano	Seção	Título	Pág.
jan	2011	O que eu faço?	[pergunta]	66
			Insensato coração	86
fev	2011	Turma teen	A descoberta do desejo	80
		-	Reeducação emocional	106
		Os livros que a gente ama	A princesa espoleta	76
mar	2011	Amor e sexo	Feliz na cama aos 20, 30, 40, 50+	108
		Os livros que a gente ama		88
abr	2011	Para sonhar alto	Sonhe alto!	114
		Reforme seu casamento	Mão de obra do amor	116
		Jamie Cat Callan	Sedução à moda francesa	152
mai	2011	Acupuntura e sexo	Libido na ponta da agulha	146
jun	2011	Especial amor	Para viver um grande amor	112
		Especial amor	Encontro marcado	114
		Especial amor	As doces incertezas	116
		Especial amor	Link compartilhado	118
		Especial amor	A ciência da rotina	120
		Especial amor	A hora de dizer adeus	122
		Especial amor	A vida em Vênus	124
		A incrível história de Cleópatra	A mulher que conquistou os homens certos	172
jul	2011		O desejo flex	148
ago	2011	A sua saúde	Sexo com prazer	74
		Amor e sexo	Traição masculina sem censura	118
		-	A mulher do padre	132
set	2011	Amor e sexo	O casamento no ringue	150
out	2011	Especial de aniversário	50 escolhas inteligentes para abrir seus caminhos	123
		Especial de aniversário	50 marcas que as mulheres deixaram no mundo	174
nov	2011	Amor e sexo	Tudo novo depois da seca	164
dez	2011	Especial amor e sexo	Terapia de casais	152
		Especial amor e sexo	DR com famosos	154
		Especial amor e sexo	Previsão: sexo bem resolvido	162
		Autoconhecimento	A revolução do "eu mereço"	178
jan	2012	A sua saúde	Cerco ao HIV	58
		Tendência	Sexo virtual com prazer real	83
		Amor e sexo	Nem tapas nem beijos	100
		Mulheres do mundo	liê (não)	122
fev	2012	Amor e sexo	Falando de amor	94
mar	2012	A sua saúde	S.O.S. Endometriose	74
		O que eu faço?	[pergunta]	88

Mês	Ano	Seção	Título	Pág.
abr	2012	Inspiração Este mês eu quero...	[50 tons de cinza]	26
		Turma teen	Aids é com os outros	108
		Sexo	Malhação íntima	198
mai	2012	Inspiração Cultura	"Quanto mais poderosa, mais mulherzinha"	58
jun	2012	Inspiração Tendência	A nova identidade feminina	58
		Dilema de mãe	[pergunta]	96
		Especial Amor	Felizes quase sempre	118
		Especial Amor	De volta ao mercado	126
		Sexo	Para nossa alegria	130
jul	2012	Inspiração Este mês eu quero	Romance apimentado	50
ago	2012	Previsões	Horóscopo do amor	146
		Sexo	Resgate seu desejo	150
		O que eu faço?	[pergunta]	208
set	2012	Inspiração Este mês eu quero	Seis tons iguais	42
		Inspiração Gente	"Não somos tão libidinosos"	46
out	2012	Inspiração Especial 51 anos	51 mulheres que transformaram nossa história	72
		Sexo	Pornô light	198
nov	2012	Inspiração Gente	Mestre em alma feminina	46
		Debate	É o fim do homem?	164
dez	2012	Inspiração Gente	Sexo, política e Nobel	62

Mês	Ano	Na capa	Figura/foto erótica
jan	2011	2	desenho de mulher "gordinha" de biquíni, segurando tablet com desenho de homem
		1	foto de casal se beijando [cabeça/cintura]/ 2 depoimentos com a foto do casal
fev	2011	2	2
		1	2
		2	capa com colo à mostra
mar	2011	1	casal seminu deitados
		2	2
abr	2011	1	Pimenta
		1	2
		2	2
mai	2011	1	modelo simula pole dance em agulhas de acupuntura
jun	2011	1	2
		1	2
		1	2
		1	2
		1	2
		1	2
		1	2
		2	1
jul	2011	2	1
ago	2011	2	2
		1	1
		2	2
set	2011	1	2
out	2011	2	2
		1	2
nov	2011	1	pimenta, maçã, cereja e morango/casais entrevistados
dez	2011	1	charge: mulher com roupa sexy e homem não percebe
		1	charges e fotos de atores da Rede Globo
		1	Charges
		1	2
jan	2012	2	2
		2	1
		1	2
		2	2
fev	2012	1	2
mar	2012	2	2
		2	2

Mês	Ano	Na capa	Figura/foto erótica
abr	2012	2	2
		2	2
		2	1
mai	2012	2	2
jun	2012	2	2
		2	2
		1	2
		1	2
		2	1
jul	2012	2	2
ago	2012	1	2
		1	casal se beija num trem
		2	2
set	2012	2	2
		2	2
out	2012	1	2
		2	figuras Carlos Zéfiro
		2	2
nov	2012	1	2
dez	2012	2	2

Mês	Ano	Especialistas
jan	2011	jornalista e psicóloga
		teste/mestre em psicologia da saúde/terapeuta de família e casal
fev	2011	Psicanalista
		Escritor
mar	2011	sexóloga da TV/moda para as diferentes idades
		Freud
abr	2011	terapeuta de casal/sexóloga/pesquisa para filme estadunidense
		escritora estadunidense/promoção de livro
mai	2011	presidente da Associação Médica Brasileira de Acupuntura/profª da UNIFESP e Ph.D em acupuntura/médico presidente da Associação Brasileira de Acupuntura/ginecologista e acupunturista
jun	2011	jornalista lança livro (p.98)
		psicólogo terapeuta de casais/psicóloga/psicoterapeuta psicanalista/escritor, dramaturgo e roteirista
		psicoterapeuta e pedagoga/professor de psicologia experimental da USP/pesquisadores da Escola de Medicina da Universidade de Pittsburgh (sem nome)
		Psicólogo
		Crônica
		resumo livro da própria escritora
jul	2011	educadora sexual/sexólogo e apresentador de TV/psiquiatra/ presidente da Associação Brasileira GLBTT
ago	2011	ginecologista do Centro de Atendimento ao Vaginismo da UNIFESP
		editor da revista Playboy
		jornalista italiano autor de livro
set	2011	psicóloga clínica
out	2011	psicanalista/psicóloga
		personalidades famosas que marcaram em alguma coisa
nov	2011	terapeuta sexual/coordenadora do Programa de Estudos em Sexualidade da USP
dez	2011	
		repostas de atores galãs da Rede Globo
		terapeuta sexual e diretor do INPASEX/ terapeuta sexual e de casal
		consultora do Movimento Habla do G.Abril/psicóloga
jan	2012	Sanitarista
		psicólogo/ psicóloga do Núcleo de Pesquisa da Psicologia em Informática da PUC
		terapeuta de família e casal
		autora do livro sobre casamentos no Japão e apresentadora de TV/sociólogo da Univ. Musashi de Tóquio/estudiosa dos costumes/pesquisador do Inst. de Pesquisas Demográficas Max Planck
fev	2012	psicanalista do site da revista Veja [estudou Medicina na USP e Psicanálise na França]
mar	2012	propaganda do suco em pó Clight de 6 pág. Como se fosse matéria sobre as mulheres/ginecologista da Unifesp
		psicanalista da PUC/psicanalista

Mês	Ano	Especialistas
abr	2012	Coordenação Estadual de DST/Aids
		ginecologista e sexóloga do Projeto Afrodite da Unifesp/fisioterapeuta da UFSM/fisioterapeuta/urogeriatria/pesquisadora especializada na musculatura pélvica/coordenadora da Fisioterapia do Projeto Afrodite
mai	2012	autor do livro de crônicas sobre mulheres
jun	2012	do Movimento Habla, do Grupo Abril
		psicólogo e sociólogo/psicóloga
		psiquiatra e psicopedagogo/psicanalista/terapeuta de casais
		terapeuta comportamental/psicóloga e heart hunter/psicólogo da USP/editora de site de relacionamentos
jul	2012	autora do livro 50 tons de cinza
ago	2012	professora da Fac. Medicina USP/psicóloga
		psicoterapeuta e diretor do Inst. Paulista de Sexualidade/psicoterapeuta
set	2012	filósofo Alain de Botton lança livro sobre sexo
out	2012	Informativo
		antropóloga/neurocientista/publicitária/cientista política e cineasta
nov	2012	sobre livro O fim do homem e a ascensão das mulheres de escritora estadunidense/historiador/psiquiatra e psicoterapeuta/teólogo/antropóloga
dez	2012	

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. O amor no casamento. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André. **Sexualidades Ocidentais: Contribuição para a história e para a sociologia da sexualidade**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 153-162.

_____. O casamento indissolúvel. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André. **Sexualidades Ocidentais: Contribuição para a história e para a sociologia da sexualidade**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.163-182.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDITORES DE REVISTAS (São Paulo). **Circulação: IVC - maiores mensais**. Disponível em: <<http://www.aner.org.br/Conteudo/1/artigo42418-1.asp>>. Acesso em: 12 ago. 2012.

BÉJIN, André. O casamento extraconjugal dos dias de hoje. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André. **Sexualidades Ocidentais: Contribuição para a história e para a sociologia da sexualidade**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.183-193.

_____. Crepúsculo dos psicanalistas, manhã dos sexólogos. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André. **Sexualidades Ocidentais: Contribuição para a história e para a sociologia da sexualidade**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.210-235.

_____. O poder dos sexólogos e a democracia sexual. In: ARIÈS, Philippe; BÉJIN, André. **Sexualidades Ocidentais: Contribuição para a história e para a sociologia da sexualidade**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p.236-254.

CARDOSO, Ruth. Sociedade civil e meios de comunicação no Brasil. In: MELO, José Marques de. **Comunicação e transição democrática**. Porto Alegre: Mercado Aberto/intercom, 1985. p. 118-128. (Novas Perspectivas 16).

CIVITA, Roberto. Carta à leitora. **Claudia**, São Paulo, n. 10, p.8, out. 2011. Mensal.

CLAUDIA. São Paulo: Ed. Abril, v. 01, ano 50, jan. 2011. Mensal.

_____. São Paulo: Ed. Abril, v. 02, ano 50, fev. 2011. Mensal.

_____. São Paulo: Ed. Abril, v. 03, ano 50, mar. 2011. Mensal.

_____. São Paulo: Ed. Abril, v. 04, ano 50, abr. 2011. Mensal.

_____. São Paulo: Ed. Abril, v. 05, ano 50, mai. 2011. Mensal.

_____. São Paulo: Ed. Abril, v. 06, ano 50, jun. 2011. Mensal.

- _____. São Paulo: Ed. Abril, v. 07, ano 50, jul. 2011. Mensal.
- _____. São Paulo: Ed. Abril, v. 08, ano 50, ago. 2011. Mensal.
- _____. São Paulo: Ed. Abril, v. 09, ano 50, set. 2011. Mensal.
- _____. São Paulo: Ed. Abril, v. 10, ano 50, out. 2011. Mensal.
- _____. São Paulo: Ed. Abril, v. 11, ano 50, nov. 2011. Mensal.
- _____. São Paulo: Ed. Abril, v. 12, ano 50, dez. 2011. Mensal.
- _____. São Paulo: Ed. Abril, v. 01, ano 51, jan. 2012. Mensal.
- _____. São Paulo: Ed. Abril, v. 02, ano 51, fev. 2012. Mensal.
- _____. São Paulo: Ed. Abril, v. 03, ano 51, mar. 2012. Mensal.
- _____. São Paulo: Ed. Abril, v. 04, ano 51, abr. 2012. Mensal.
- _____. São Paulo: Ed. Abril, v. 05, ano 51, mai. 2012. Mensal.
- _____. São Paulo: Ed. Abril, v. 06, ano 51, jun. 2012. Mensal.
- _____. São Paulo: Ed. Abril, v. 07, ano 51, jul. 2012. Mensal.
- _____. São Paulo: Ed. Abril, v. 08, ano 51, ago. 2012. Mensal.
- _____. São Paulo: Ed. Abril, v. 09, ano 51, set. 2012. Mensal.
- _____. São Paulo: Ed. Abril, v. 10, ano 51, out. 2012. Mensal.
- _____. São Paulo: Ed. Abril, v. 11, ano 51, nov. 2012. Mensal.
- _____. São Paulo: Ed. Abril, v. 12, ano 51, dez. 2012. Mensal.

CLITÓRIS: prazer proibido. (Original: *Le clitoris: ce cher inconnu*). Direção: Michèle Dominici, Variety Moszynski e Stephen Firmin. Produção: Tamsin Mouflet. França: Cats and Dogs Films, Silycone e ARTE France, 2003. Disponível em: <<http://youtu.be/suTWJ8t3lqE>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

COSSE, Isabella. *Claudia: la revista de la mujer moderna en la Argentina de los años sesenta (1957-1973)*. **Mora (B. Aires)**, C. A. de Buenos Aires, v. 17, n. 1, jul. 2011. Disponível em <http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1853-001X2011000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 mar. 2013.

FEDERAÇÃO Nacional dos Jornalistas. **Código de ética dos jornalistas brasileiros.** Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2013.

FERREIRA, Maria Cristina. As vozes negadas do feminino: uma análise discursiva em *cartas de aconselhamento*. Dissertação (mestrado) UERJ. Programa de Pós-graduação em Letras. Rio de Janeiro. Instituto de Letras/UERJ, 2006.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 10. Ed., 1988.

GRUPO ABRIL. **Abril**. Disponível em: <<http://www.grupoabril.com.br/>>. Acesso em: 03 set. 2012.

JELIN, Elizabeth. **Pan y afectos: la transformación de las familias**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2006. 3ª reimpressão.

LAGOA azul. (Original: *The Blue Lagoon*). Direção e produção: Randal Kleiser. EUA: Columbia Pictures Corporation, 1980. 104 min. Son, Color, Formato: 1 DVD.

MCGRAW, Phil. **The Female Orgasm**. Disponível em: <<http://drphil.com/articles/article/371/>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

ORGASMO. Busca em Livraria Cultura. Disponível em: <http://www.livrariacultura.com.br/scripts/busca/busca.asp?p=1&palavra=orgasmo&tipo_pesq=0&f19=1&search_id=55534324&search_id_log=121906386>. Acesso em: 10 nov. 2012.

QS Top Universities. **Latin American University Rankings 2013**. Disponível em: <<http://www.topuniversities.com/university-rankings/latin-american-university-rankings/2013>>. Acesso em: 03 jun 2013.

RAMONET, Ignacio. O poder midiático. In: MORAES, Dênis de. **Por uma outra comunicação**: mídia, mundialização cultural e poder. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 243-252.

RUSSO, Jane et al. Sexualidade ciência e profissão no Brasil. Rio de Janeiro: CEPESC, 2011.

SACRAMENTO, Igor. Mídia, identidade e consumo: o discurso e a história da revista *Capricho*. **Site NetHistória**. Brasília, mar. 2005. Sessão Ensaios. Disponível em: <http://www.nethistoria.com.br/secao/ensaios/499/midia_identidade_e_consumo_o_discurso_e_a_historia_da_revista_capricho/capitulo/4/>. Acesso em: 10 jun. 2013.

UNITED EXPLANATIONS (Espanha) (Ed.). **Las 10 estrategias básicas de manipulación mediática**: Doctrina del Shock, Noam Chomsky y otros. Disponível em: <<http://www.unitedexplanations.org/2013/02/04/las-10-estrategias-basicas-de-manipulacion-mediatica-doctrina-del-shock-noam-chomsky-y-otros/>>. Acesso em: 11 fev. 2013.

VANCE, Carole S.. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73311995000100001&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 dez. 2012.

XAVIER FILHA, Constantina. "Qual destas moças é você?" o autoconhecimento produzido pelos testes da imprensa feminina. **Educação em revista**, Belo Horizonte, n. 46, Dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982007000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 mar. 2013.